

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA E DESPORTOS (CEFD)**

ELLEN MARIA RIOS DE FREITAS

**DO QUADRADINHO À QUADRA TODA: PERCEPÇÕES SOBRE O JOGO DE
MULHERES E MISTO A PARTIR DA VISÃO DAS ATLETAS DE FUTEVÔLEI**

**VITÓRIA-ES
2025**

ELLEN MARIA RIOS DE FREITAS

DO QUADRADINHO À QUADRA TODA: PERCEPÇÕES SOBRE O JOGO A
PARTIR DA VISÃO DE ATLETAS DE FUTEVÔLEI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Educação Física do
Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Mariana Zuaneti Martins.

Co-orientadora: Bruna Saurin Silva.

VITÓRIA-ES

2025

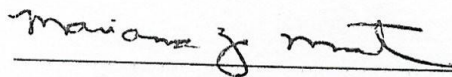
ELLEN MARIA RIOS DE FREITAS

DO QUADRADINHO À QUADRA TODA: PERCEPÇÕES SOBRE O JOGO A
PARTIR DA VISÃO DE ATLETAS DE FUTEVÔLEI

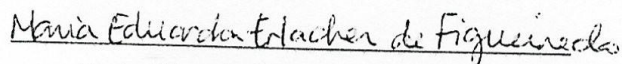
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Educação Física - Licenciatura, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em 26/08/20025.

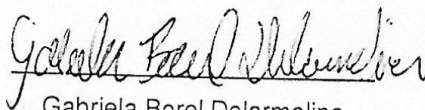
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dra Mariana Zuaneti Martins



Maria Eduarda Erlacher de Figueiredo



Gabriela Borel Delarmelina

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esta seção agradecendo ao meu pai e a minha irmã, que sempre me apoiam e contribuem, da maneira que podem, para que eu concretize meus objetivos e sonhos. Agradeço com carinho à minha prima Gabi e minhas amigas Angela e Marluce, por me ajudarem a compreender que cada pessoa tem seu próprio tempo, que contar com uma rede de apoio é essencial e que pedir ajuda não é sinal de fraqueza, mas de coragem.

À minha Co-orientadora Bruna, sou profundamente grata pela paciência inesgotável, disponibilidade e incentivo constante durante todo este processo. Sua escuta atenta e suas contribuições cuidadosas fizeram grande diferença no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos colegas de trabalho em diversas áreas ao longo da faculdade, aos treinadores e alunos, e a todos e todas do futevôlei que, com apoio e inspiração, me encorajam a seguir em frente e me fazem amar, cada vez mais, o caminho que estou trilhando.

Em especial, a mulher mais guerreira e forte que conheci, doze anos depois, sua força me sustenta até hoje, obrigada mãe.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga as percepções de mulheres atletas sobre suas vivências no futevôlei, nos ambientes de treino e competição mistos e exclusivamente de mulheres. A escolha do tema partiu da trajetória como atleta e instrutora da modalidade. Por meio de questionário com 39 atletas e da análise de dados de maneira qualitativa, uma vez que se aprofunda nas experiências, percepções e contextos. Os resultados foram organizados em três eixos: (1) perfil, motivações e barreiras das atletas. Encontrou-se que as atletas iniciaram no esporte por influência de familiares ou amigos; participação atual é marcada por boa assiduidade, mas com relatos de barreiras como falta de apoio, estigmas de gênero ou insegurança. O perfil predominante é de mulheres brancas, adolescentes, mas uma porcentagem considerável de mulheres adultas, com alto interesse pela prática; (2) percepções de gênero nas relações interpessoais e nos treinos. Aqui, as atletas demonstraram consciência das desigualdades de gênero no esporte, o que reforça as barreiras simbólicas ainda presentes no ambiente esportivo; (3) diferenças e semelhanças entre os contextos de jogo de mulheres e misto. Observou-se que, embora o ambiente misto seja comum na iniciação esportiva, pode reproduzir desigualdades que limitam o protagonismo das mulheres. Em contrapartida, os treinos e jogos entre mulheres são percebidos como espaços mais acolhedores, com maior autonomia, protagonismo e participação.

De maneira geral, embora o futevôlei seja bastante conhecido no Brasil, há carência de dados em relação ao olhar sob a perspectiva de gênero que atravessam esse esporte, por isso, a pesquisa reforça a importância de reconhecer as especificidades do futevôlei de mulheres como parte de um processo de ampliação da equidade de gênero no esporte, de modo que ao escutar as atletas e valorizar suas experiências, reforça a importância de construir espaços esportivos mais justos, diversos e abertos à pluralidade de corpos, estilos e trajetórias.

Palavras-chave: futevôlei; gênero; protagonismo feminino; mulheres no esporte; ambiente misto; experiências esportivas.

ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates the perceptions of women athletes regarding their experiences in footvolley, both in mixed training and competition environments and in women-only settings. The choice of topic stemmed from the researcher's own trajectory as an athlete and instructor of the sport. Data were collected through a questionnaire with 39 athletes and analyzed qualitatively, as the study delves into experiences, perceptions, and contexts. The results were organized into three main themes: (1) athlete profiles, motivations, and barriers. The findings revealed that most athletes began playing due to the influence of family or friends. Their current participation is characterized by consistent engagement, though many reported facing challenges such as lack of support, gender-related stigma, or feelings of insecurity. The predominant profile is of young, white women, although a considerable portion of adult women also participate, showing strong interest in the sport. (2) Gender perceptions in interpersonal relationships and training settings. Athletes demonstrated awareness of gender inequalities in sport, highlighting symbolic barriers still present in these environments. (3) Differences and similarities between women-only and mixed-gender play contexts. While mixed-gender settings are common in early participation, they often reproduce inequalities that limit women's protagonism. In contrast, women-only training and games are perceived as more welcoming spaces, with greater autonomy, protagonism, and participation.

Overall, although footvolley is widely known in Brazil, there is a lack of gender-focused research in the sport. This study emphasizes the importance of recognizing the specificities of women's footvolley as part of the broader process of promoting gender equity in sport. By listening to athletes and valuing their experiences, this research reinforces the need to create sporting environments that are fairer, more diverse, and open to a plurality of bodies, styles, and trajectories.

Keywords: footvolley; gender; female protagonism; women in sport; mixed-gender environment; sport experiences.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Quantidade e porcentagem de atletas que praticaram algum esporte antes do futevôlei	21
Tabela 2- Distribuição das atletas por faixa etária.....	24
Tabela 3 Sofre resistência da família ou companheiro (a) quanto à prática esportiva	25
Tabela 4— Enfrenta alguma dessas dificuldades para permanecer no esporte.....	28
Tabela 5- Auto declaração Racial das Atletas Participantes	29
Tabela 6- Percepção sobre o ambiente esportivo em geral	30
Tabela 7— Participação em eventos de futevôlei (jogos, day use, torneios)	32
Tabela 8— Percepção sobre o comportamento do parceiro em partidas com homens e mulheres.....	35
Tabela 9— Preferência em jogos avulsos (duplas mistas ou por gênero)	46
Tabela 10— Sentimentos e experiências sobre participação em competições	48
Tabela 11- Categoria de competição das atletas participantes	50
Tabela 12- Tempo de Prática e Preferência de Jogo	51
Tabela 13- Relação entre Categoria de Competição e Preferência de Jogo.....	52
Tabela 14— Percepção desempenho ao jogar ou competir em duplas mistas e femininas	53
Tabela 15— Percepções sobre diferenças táticas entre os treinos mistos e de mulheres.....	55
Tabela 16-Aspectos dos treinos de mulheres que contribuíram para a evolução das atletas.....	57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Motivos que contribuíram para a entrada das atletas no local de treino	23
Figura 2-Tem dificuldades para equilibrar questões familiares com os treinos	26
Figura 3-Tem dificuldade de assiduidade nos treinos	27
Figura 4-Tenho facilidade em jogar tanto com mulheres quanto com homens	33
Figura 5- A maioria dos homens prefere jogar com homens	34
Figura 6-Me sinto mais confortável em jogar só com mulheres	38
Figura 7-Me sinto mais parte (pertencimento) do grupo	39
Figura 8-Ter treino somente de mulheres me incentiva a jogar	40
Figura 9-Não senti diferenças, também me sentia bem com homens	41
Figura 10— Ter como treinadora uma mulher me incentiva	43
Figura 11-Me senti mais à vontade para ousar no jogo de mulheres (protagonismo)	44
Figura 12- Passei a participar mais do jogo	45
Figura 13-Não me sinto confiante como jogadora	48
Figura 14-controle de passe e levantada no treino de mulheres é diferente	56
Figura 15-Tem diferenças nas estratégias e posicionamentos ao defender duplas masculinas e femininas	56

SUMÁRIO

1. Introdução	11
1.1 Minha história com o Esporte	11
1.2 Futevôlei: Contexto da Pesquisa.....	14
2. Revisão de Literatura	17
3. Metodologia	19
4. Resultados e Discussão	20
4.1 Incentivo, participação, barreiras e interesse pelo esporte.....	21
4.1.1 Perfil das atletas e caminhos de entrada no futevôlei.....	21
4.1.2 Barreiras percebidas na prática do futevôlei	24
4.2 Questões de gênero no Futevôlei	30
4.2.1 Percepções das atletas sobre relações e comportamentos de gênero nas duplas de futevôlei	33
4.2.2 Percepções sobre os treinos exclusivamente de mulheres	37
4.2.3 Percepção sobre treinadores e treinadoras.....	42
4.2.4 Comparativo entre vivências femininas e mistas	44
4.2.5 Inserção e confiança nas competições.....	47
4.3 Diferenças e similaridades entre os treinos/jogos de mulheres e mistos	50
4.3.1 Especificidades do futevôlei de mulheres: O Que Pensam as Atletas?	54
5. Considerações Finais	58
6. Referências	60

1. Introdução

1.1 Minha história com o Esporte

Conheci o esporte bem cedo, através do meu pai e primos que cresceram comigo. Meu pai relata que os estímulos vieram antes disso, mas a primeira memória que tenho foi aos cinco anos de idade, quando o acompanhava em seus jogos amadores pela grande Vitória e brincava com meus primos e filhos dos outros jogadores, nos intervalos que a partida oferecia, como antes do início e as pausas entre o primeiro e segundo tempo. Aproveitávamos esses minutos simulando situações que observávamos nos jogos, como repetir inúmeras vezes a cobrança de escanteio, enquanto as outras crianças tentavam acertar ao gol, ou as clássicas cobranças de pênaltis.

Assim, quando iniciei minha jornada escolar na Escola de Ensino Fundamental EMEF Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, no Município de Serra, no ano de 2007, aos sete anos de idade, já trouxe uma bagagem de repertório motor e conhecimento básicos não só sobre o futebol, mas também sobre outros esportes, por também brincar nas ruas e quadras do bairro com meninos da região. Dessa forma, por mais que nos primeiros momentos houvesse um certo “desconforto” dos meninos em ter uma menina (e quase sempre única) pedindo para jogar com eles nas aulas de Educação Física, os conquistei logo ao fim da primeira aula, mostrando que sabia jogar tão bem quanto eles.

Aos onze anos, decidi que queria começar a treinar de fato, sair um pouco da famosa “pelada” de rua e começar a encarar jornadas de treinos e competições, ou seja, ser uma atleta. A oportunidade veio logo em seguida, com um projeto da Vale, perto de onde morava, chamado Estação Conhecimento, um projeto social de ótima qualidade que até hoje (2025) oferece estrutura para treinos de futebol, atletismo, natação, judô e música de forma gratuita, priorizando moradores da região. Fiz um teste na equipe de Futebol de campo, para treinar na equipe junto com alguns amigos da escola. Entramos e lá permaneci até os meus dezessete anos (2016), passando por muitas competições nesse período, no futebol de mulheres e misto, e finalizei minha caminhada no projeto, com muito amor pelo esporte e pela profissão que meus

treinadores me apresentaram nesse período: professor/treinador e mais especificamente, professora de Educação Física.

Abandonei as competições no ano seguinte, com o objetivo de focar na escola e no vestibular, pois tinha um sonho pessoal de estudar em uma Universidade Pública. Concluí o Ensino Médio em 2017, mas precisei trabalhar até meus vinte anos em tempo integral, só tentando ingressar na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) em 2019, ano no qual entrei, no segundo semestre, para o então sonhado curso de Educação Física, Licenciatura.

No segundo período do curso início de 2020, decidi que voltaria a competir pela universidade (Futebol e Futsal de mulheres) e voltei a jogar com mais frequência aos domingos amistosos com meu pai e seus amigos, sendo a única mulher no time. Todavia, em um desses jogos, no mês de fevereiro, lesionei o joelho direito, rompendo meu ligamento cruzado anterior, passando por uma cirurgia logo em seguida.

Um mês depois, março de 2020, a vida de todos os brasileiros (assim como no mundo até antes desta data) mudou completamente com a pandemia do COVID-19, que levou ao isolamento social e fechamento das Universidades. Assim, sem aulas e precisando me recuperar da cirurgia, passei a estudar bastante recuperação de lesão, e realizar pequenos exercícios na praia próxima a minha casa, além das sessões de fisioterapia.

Em uma de minhas sessões na praia, encontrei um grupo de homens com idades entre trinta e cinquenta anos jogando um esporte similar a lógica do vôlei de praia (mesma quadra, duas duplas de cada lado) apenas a rede que apresentava uma altura um pouco mais baixa. Comentei com meu pai, que era conhecido das pessoas que jogavam, sobre a descoberta e decidimos experimentar, que me foi apresentado como Futevôlei, me encantando pelo esporte. Durante esse ano, fui apenas espectadora e estudiosa do mesmo.

No ano seguinte (2021), de volta a Universidade e a rotina normal, passado os maiores efeitos da pandemia, como o isolamento e o tédio, passei a frequentar o clube APCEF, da Caixa Econômica, localizado à menos de um quilômetro da minha casa. Todo sábado de manhã, de oito a uma da tarde, meu pai jogava Futevôlei com mais oito amigos (todos homens), mas só me deixavam jogar algumas partidas no final da manhã para aprender. No final do ano, no bairro vizinho, um professor de Educação Física que ganhava a vida basicamente como Personal Trainer, mas que havia diminuído seus atendimentos em academias devido a Pandemia, começou a dar aulas

de futevôlei em uma quadra de areia da Prefeitura da Serra, e comecei a treinar com ele naquele finalzinho de ano, aprendendo os fundamentos e a lógica do jogo, noções técnicas e táticas.

No ano de 2022, passei a competir na categoria misto (homem e mulher), jogando a primeira vez com meu pai na orla de Camburi, em Vitória, torneio interno do centro de treinamento de um amigo, “CT Joga 2” (fechado hoje em dia) iniciando minha jornada como atleta. Em julho de 2023, presenciei a inauguração de uma Arena de esportes de Areia localizada em um Bairro vizinho e no mês seguinte, tive a oportunidade de conhecer um dos donos e professor da Arena.

Descobrimos que eu era estudante de Educação Física, me deu a oportunidade de fazer uma espécie estágio ou horas complementares na Arena, inicialmente ajudando-o em um horário e podendo treinar em outro (espécie de permuta). Todavia, como não seria um serviço remunerado, continuei estudando pela manhã e no estágio na Prefeitura a tarde, tendo disponibilidade apenas a noite, coincidindo de ser o período no qual a Arena tinha turma mista, sendo 70% mulheres iniciando na modalidade.

Em dezembro daquele ano (2023), com o aumento de turmas principalmente no período noturno, recebi o convite para compor oficialmente o time de professores (a única mulher). Finalizei o estágio na escola e assim comecei a dar aulas de futevôlei na Farol Arena, espaço de esportes de areia localizada em Morada de Laranjeiras, na Serra-ES, e até o atual momento (2025) permaneço dando aulas para alunos das categorias estreantes, iniciantes e sub 13.

Como atleta e instrutora da Arena, meus treinos passaram a ser com os outros instrutores da equipe, ou seja, treino de acordo com os padrões do jogo masculino desde que comecei: rede com altura de 2,20 metros, jogo intenso e agressivo e, até o momento, só havia participado de competições na categoria misto (homem e mulher) na qual a altura da rede é 2,10 metros, de acordo com a Federação Internacional de Futevôlei (FIFV). Em maio de 2024, decidi me preparar e participar da minha primeira competição na categoria feminino (dupla mulher com mulher), altura da rede é de 2,00 metros (FIFV) em uma das maiores competições de nível nacional, o TAFC (Team Águia Futevôlei Cup) número 43, que ocorreu em junho de 2024, na cidade de Cariacica-ES.

No mesmo mês, tive a oportunidade de treinar com duas atletas profissionais do estado (ES), o que mudou minha visão sobre o treinamento e modelo das aulas

para mulheres. Percebi que, ao passar um mês treinando somente com mulheres, o padrão de jogo mudou, além da influência da altura da rede (mais baixa), percebi que talvez exista a necessidade de um jogo mais controlado: passes mais baixos e sem progressão, menor distância entre as atletas, além da clara autonomia dentro de quadra. Ao comparar meus últimos 10 jogos em junho com homens e mulheres, observei que nos jogos com mulheres, toquei mais vezes na bola, assim como ataquei quase o dobro de vezes do que quando joguei com homens, mesmo sendo do mesmo nível ou até abaixo do meu. Além disso, me senti mais protagonista dentro de quadra, fiquei mais comunicativa e passei a assumir mais responsabilidades dentro do jogo e, desde então, passei a enxergar minhas aulas de outra forma.

Percebi que as atletas tinham o seguinte comportamento: mais quietas em quadra enquanto os meninos assumiam mais o jogo e tocavam mais vezes na bola, além de apresentarem algumas dificuldades comuns em relação a certos fundamentos e movimentação na areia. Após diálogos e ajustes, mais uma turma foi acrescentada ao quadro de turmas da Arena, como foco no Futevôlei de mulheres.

Assim, este estudo teve como ponto de partida a criação e desenvolvimento de um projeto de futevôlei de mulheres, iniciativa da qual participei diretamente e que despertou o interesse inicial em compreender as percepções das atletas envolvidas. No entanto, à medida que a pesquisa avançou, optou-se por ampliar o foco, buscando captar as experiências e opiniões de um grupo mais diverso de jogadoras, não restrito ao projeto. Dessa forma, o presente trabalho apresenta e analisa as vozes dessas atletas, com o objetivo de compreender de forma mais ampla as dinâmicas, desafios e vivências no futevôlei misto e de mulheres.

1.2 Futevôlei: Contexto da Pesquisa

Nascido em solo brasileiro nos anos 60, na praia de Copacabana (RJ), o futevôlei é um esporte de areia, jogado principalmente em dupla, podendo ser pensado como uma “mistura” do futebol e vôlei de praia. Assim como no futebol, limita-se as partes do corpo que tocam a bola (não podendo tocá-la com as mãos, braços e antebraços) e há o limite de toques por dupla, sendo até três toques, não podendo tocar duas vezes seguidas, como no vôlei. O futevôlei, por ser um esporte

relativamente contemporâneo, carrega a capacidade de se destacar pela diversidade e inclusão, e vem ganhando destaque no país.

O primeiro Campeonato Brasileiro de Futevôlei de mulheres foi realizado em 2006 (Morais, 2023). A inserção dessa categoria de mulheres nos Jogos Mundiais de Praia e outros torneios internacionais pode ajudar a expandir ainda mais o esporte. Em relação ao público feminino, Duarte (2024) comenta que, a presença da mulher no esporte tem crescido ao longo das últimas décadas, desafiando estereótipos e conquistando espaço em modalidades que antes eram dominadas por homens.

Com competições mistas e modalidades adaptadas, o esporte se revela acessível a diferentes públicos, refletindo essa característica tanto no contexto amador quanto no de alto rendimento, o que, podendo ser um dos motivos que vêm chamando a atenção das mulheres para a prática, indicando um dado relevante na questão da igualdade de gênero, pois o levantamento aponta que 50% dos fãs de futevôlei são mulheres (Esporte, 2022).

Na cartilha de Ferreira sobre o ensino do Futevôlei nas escolas, ele aponta algo parecido: “Temos visto cada vez mais o público feminino interessado nesta prática. Percebo, na escola em que leciono, a empolgação das meninas no aprendizado do futevôlei e suas modalidades derivadas dele” (Ferreira, 2023).

Em face do cenário atual, ele vem ganhando notoriedade nacional, tornando-se um dos esportes que mais cresce no Brasil, segundo a Federação Paulista de Futevôlei (FPFv, 2021), tendo um aumento de 250%, e os novos adeptos são, em sua maioria, crianças, adolescentes, jovens e, principalmente, o público feminino, que vem ganhando cada vez mais espaço nas quadras (Ferreira, 2023, p.32).

Assim, como mostra a pesquisa Ibope Repucom (2022), encontrada no site Máquinas do Esporte, e divulgada pela World Footvolley (2022), o número de praticantes desse esporte cresceu bastante, chegando à 500.000 em dezembro no ano da pesquisa, surgindo assim, muitos praticantes de esportes de areia, até mesmo em cidades que não tem praias.

O crescimento e a consolidação do esporte refletem o aumento na quantidade de praticantes e entusiastas, bem como a expansão de negócios relacionados. Apenas em São Paulo, o número de locais dedicados ao beach tennis por exemplo,

que também é um esporte de areia com o ambiente similar ao Futevôlei, aumentou em 66% desde 2020 (apud Castro, 2021). Além disso, o esporte experimentou um crescimento exponencial no período pós-pandemia, com o aumento expressivo no número de quadras e atletas (apud Burko; Gruppi, 2023). Todas essas informações foram discutidas por Oliveira-Melo e Apolonio (2025) ao tratarem das diretrizes para gestão da qualidade em arenas de beach tennis.

Ou seja, a procura por esse tipo de atividade física aumentou, e não somente para o Futevôlei, mas outros esportes praticados ao ar livre com pouco contato físico, como aponta um estudo sobre o Beach Tennis, no município de Criciúma:

O número de praticantes do gênero feminino (75,3%) comparado com masculino (24,7%) é de maior prevalência, ou seja, tem um número expressivo do público feminino em busca da modalidade, onde as mulheres viram no Beach Tennis um esporte com clima agradável, sem preconceito e de fácil aprendizagem para praticarem, maior prevalência o gênero feminino, na faixa etária de 25 a 35 anos (Ribeiro; Alvarez, 2021, p 5).

Ademais, a maior visibilidade das mulheres no esporte, em geral, constitui um fator fundamental para o avanço do futevôlei de mulheres, pois as conquistas alcançadas por atletas em diferentes modalidades refletem processos mais amplos de transformação social, que desafiam estereótipos e mostram que a determinação e o talento não têm gênero. No entanto, o futevôlei ainda é pouco estudado na perspectiva de gênero, sendo escassos os trabalhos acadêmicos que investigam a participação e as experiências das mulheres nessa modalidade. Tal lacuna reforça a importância de compreender de que maneira as atletas vivenciam os espaços de jogo e treino, especialmente quando se trata de categorias exclusivamente de mulheres ou de duplas mistas. Pesquisas em outras modalidades, como a de Pimentel (2024) sobre o futsal universitário, evidenciam que as mulheres atribuem significados distintos à prática esportiva, questionando hierarquias de gênero e reivindicando maior protagonismo técnico e tático. Esse tipo de abordagem contribui para analisar o futevôlei, na medida em que permite problematizar as relações de poder presentes em quadra e refletir sobre os desafios e conquistas das atletas.

Assim, esta pesquisa parte das seguintes questões norteadoras: existem diferenças técnico-táticas entre o futevôlei de mulheres o misto? Como as atletas

percebem as dinâmicas e os desafios dos espaços exclusivos para mulheres em comparação aos ambientes mistos?

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo geral: compreender como as atletas de futevôlei percebem e vivenciam as relações de gênero na modalidade, analisando as diferenças entre o jogo de mulheres e o misto, refletindo sobre de que forma os espaços exclusivamente de mulheres podem favorecer seu protagonismo técnico, tático e social no esporte. Portanto, compreender o futevôlei a partir das experiências das atletas exige situar o debate no campo das relações de gênero. Afinal, não se trata apenas de observar diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas de reconhecer que o esporte é atravessado por normas sociais e culturais que atribuem valores distintos a cada sexo e moldam as formas de participação, reconhecimento e protagonismo.

2. Revisão de Literatura

No Brasil, a participação das mulheres em práticas esportivas foi marcada por restrições legais e culturais. Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos publicou uma resolução que proibia mulheres de praticarem modalidades consideradas inadequadas ao “seu corpo feminino”, como o futebol, as lutas, o boxe, o salto com vara e o decatlo, entre outras (Goellner, 2005). Essas interdições foram sustentadas por discursos médicos e sociais que associavam feminilidade à delicadeza, à maternidade e à estética, incompatíveis com esforço físico intenso ou esportes tidos como “masculinizantes”.

Ainda que essas proibições tenham sido oficialmente revogadas em 1979 (Westin, 2023), seus efeitos permanecem até hoje, refletindo-se em preconceitos, estereótipos e na desigualdade de oportunidades para mulheres no esporte (Adelman, 2003). Esportes coletivos e de contato, como o futebol, o futsal e até mesmo modalidades de menor contato físico, como o futevôlei, ainda carregam resquícios dessa herança cultural, em que a participação feminina precisa constantemente ser legitimada diante de normas de gênero historicamente construídas.

Assim, de acordo com Goellner (2005) e Holanda (2021) fica claro que a participação da mulher no esporte em geral é marcada por transgressões, luta por

visibilidade, persistência, avanços e recuos, havendo a necessidade de incentivo e apoio para as mulheres participarem cada vez mais de ambientes esportivos. Nesse contexto, pesquisas como a de Hecktheuer e Lima (apud Holanda, 2021) apontam que a presença feminina em modalidades como o futsal ainda encontra resistência e falta de estímulo, resultado de um percurso histórico em que a inserção das mulheres no esporte foi permeada por preconceitos, repressões e barreiras sociais.

Por tudo isso, pode-se dizer que as mulheres sempre buscaram, buscam e gostam sim de esportes apesar de todas as barreiras e dificuldades de inserção e permanência nos mesmos, suas variações e modalidades, sendo necessária uma constante rede de apoio e incentivos.

Se por muito tempo as mulheres foram impedidas de ocupar os espaços esportivos, atualmente é possível observar uma crescente busca feminina pela prática de diferentes modalidades, especialmente as que ganharam visibilidade nos últimos anos, como o beach tennis e o futevôlei. Esse movimento foi intensificado no contexto pós-pandemia, quando a procura por esportes ao ar livre cresceu entre homens e mulheres, mas chamou atenção o aumento expressivo da presença feminina nessas modalidades (Ferreira, 2023).

Esses esportes de areia possuem características que favorecem essa adesão, como a ausência de embate físico, o ambiente da praia e a possibilidade de adaptação de acordo com idade e condicionamento. Cardoso (2020) aponta que 45,4% das mulheres preferem práticas sem contato corporal, enquanto apenas 7,1% escolhem modalidades que envolvem embate físico, dado que ajuda a compreender o apelo do futevôlei e do beach tennis para o público feminino.

No caso do futevôlei, a inserção das mulheres se deu inicialmente por meio dos jogos mistos, ao lado de atletas homens. A profissional Lana Cristina Diniz Miranda, em entrevista ao projeto Garimpando Memórias, recorda que nesse início as mulheres exerciam papel secundário, quase como coadjuvantes, até que a criação da categoria exclusivamente de mulheres se tornou necessária para possibilitar reconhecimento e desenvolvimento técnico. Segundo ela, a separação demandou maior treinamento, adaptação e organização entre as próprias mulheres, o que impulsionou a evolução da modalidade de mulheres (Miranda, 2016).

Esse processo guarda semelhanças com o que ocorre em outros esportes, como o futebol, em que estudos apontam percepções distintas sobre o nível técnico e a velocidade de jogo entre homens e mulheres. Azevedo (2019) mostrou que as

mulheres tendem a perceber diferenças menores entre o futebol de mulheres e o masculino, enquanto os homens, em sua maioria, avaliam o futebol jogado por mulheres como mais lento e tecnicamente inferior. Esse dado evidencia que as diferenças técnico-táticas não são apenas resultado de aspectos biológicos, mas também de construções sociais e de gênero que afetam a forma como o jogo é praticado e, principalmente, como ele é percebido.

De modo semelhante, esta pesquisa também buscará compreender, a partir do questionário, como as atletas percebem as especificidades do futevôlei misto e de mulheres, envolvendo os ambientes de treinos e jogos.

3. Metodologia

Esta pesquisa qualitativa possui natureza exploratória, pois busca analisar um tema pouco investigado no futevôlei: as percepções das atletas sobre a prática feminina e as dinâmicas do jogo de mulheres e duplas mistas, ampliando o olhar sobre o esporte, a partir de quem o vivencia diretamente. Conforme (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023) o estudo não se restringe ao fenômeno em si, mas também ao seu contexto, buscando uma compreensão aprofundada das experiências vividas pelas mulheres nesse ambiente.

A investigação foi inspirada inicialmente no Projeto de Futevôlei de mulheres Iniciante, realizado na Farol Arena, espaço esportivo de areia localizado na Serra/ES, que oferece infraestrutura completa com vestiários e área de alimentação. O projeto reúne atletas entre 16 e 35 anos, de nível iniciante, residentes em bairros próximos, algumas já eram alunas da arena quando o projeto foi criado e outras novas participantes que ingressaram no local interessadas em treinar e competir com mulheres.

Com a necessidade de ampliar a abrangência da pesquisa, o questionário foi aplicado a 39 atletas, 12 participantes do projeto da arena citado e 27 atletas de outros locais com níveis iniciante e intermediário, frequentadoras de treinos e competições mistas e femininas.

Optou-se pelo método qualitativo, que, segundo Gil (1999), visa descrever e interpretar sistemas complexos para obter uma compreensão mais rica das experiências das participantes. O instrumento principal foi um questionário online

(Google Forms) elaborado a partir de observações e experiências pessoais enquanto atleta e instrutora na arena. Esse questionário foi estruturado em três blocos: informações pessoais e esportivas; relações interpessoais no contexto do futevôlei; e percepções sobre treinamentos e competições femininas e mistas. As questões, majoritariamente de múltipla escolha, foram aplicadas entre abril e maio de 2025, período que contou com competições nas categorias mista e feminina, proporcionando um cenário propício para coleta de dados que refletissem as vivências recentes das atletas.

As respostas foram organizadas e tratadas de forma descritiva, a partir da quantificação das alternativas escolhidas pelas participantes, o que possibilitou a construção de tabelas para melhor visualização dos dados. Além disso, as questões foram agrupadas em três eixos de análise previamente definidos: (1) incentivo, participação, barreiras e interesse pelo esporte; (2) questões de gênero no futevôlei; e (3) diferenças e similaridades entre treinos e atletas de mulheres e mistos. Essa sistematização permitiu observar tendências, identificar padrões nas percepções das atletas e, posteriormente, discutir os resultados à luz do referencial teórico.

4. Resultados e Discussão

A presente seção reúne os principais resultados obtidos a partir da pesquisa realizada com mulheres praticantes de futevôlei, articulando-os com reflexões teóricas e dados de outras investigações. A análise foi organizada em três eixos principais: (1) incentivo, participação, barreiras e interesse pelo esporte, com foco no perfil das atletas, suas motivações e obstáculos enfrentados; (2) questões de gênero no futevôlei, que abordam as percepções das participantes sobre relações interpessoais, dinâmicas nas duplas, atuação de treinadores(as) e vivências em treinos de mulheres e mistos; e (3) as diferenças e similaridades entre treinos e jogos de mulheres e mistos, incluindo aspectos como tempo de prática, preferências de categoria e experiências em competições. A partir desse percurso, foi possível analisar e compreender como as atletas percebem as especificidades do futevôlei misto e de mulheres, envolvendo os ambientes de treinos e jogos.

4.1 Incentivo, participação, barreiras e interesse pelo esporte

Ao longo da história, a presença feminina no esporte foi marcada por inúmeras barreiras sociais, culturais e institucionais “mulheres e meninas enfrentam a ausência de valorização e incentivo à prática esportiva” (Da Silva et al. (2025, p.156). Apesar das limitações impostas por estereótipos de gênero e pela falta de apoio estrutural, as mulheres têm resistido, conquistando espaços e desafiando normas que as excluía ou subestimavam sua capacidade atlética (Rubio; Simões, 2007). Por isso, as tabelas desse tópico trazem resultados que buscaram entender a relação das atletas com os esportes, envolvendo: os incentivos, como é a participação, as possíveis barreiras enfrentadas e o interesse pela prática, por isso:

É necessário reconhecer que as lutas femininas no âmbito do esporte são constantes e que os enfrentamentos são diários, dadas as desiguais relações de gênero que nele existem. Por tal razão, apenas o fato de as mulheres permanecerem no esporte já denota uma ação de resistência. Nota-se que algumas barreiras foram ultrapassadas, porém ainda muito há para se fazer (Goellner, Jaeger, Gomes, Silva, 2010, p. 261).

Nesse sentido, cabe investigar, como foi a trajetória das atletas até o momento de entrada no futevôlei e como se dá a conciliação com o esporte e outros afazeres e desafios diários.

4.1.1 Perfil das atletas e caminhos de entrada no futevôlei

As tabelas 1, 2 e 3, trazem dados sobre quem são as atletas e como elas chegaram ao esporte. A primeira tabela, logo abaixo, teve o intuito de identificar quais e quantas atletas tiveram o contato e incentivo a praticar esportes ao longo da vida e antes do Futevôlei. Cabe ressaltar que nesta questão as participantes podiam assinalar mais de uma opção.

Tabela 1-Quantidade e porcentagem de atletas que praticaram algum esporte antes do futevôlei

Esporte praticado anteriormente	Quantidade de respostas
Vôlei	19
Futsal	16

Altinha	15
Futebol	13
Nenhum	1

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Assim, embora (Cardoso, 2020) diga que as mulheres tendem a preferir atividades menos agressivas e com pouco contato físico quando comparadas aos homens, tanto as meninas que tiveram contato com o vôlei como as que tiveram contato com futsal e futebol, demonstraram interesse pelo Futevôlei.

Parto, neste ponto, para uma reflexão sobre a importância de incentivos que podem contribuir com a inserção e permanência das mulheres no esporte, para que seja cada vez mais comum a presença de mulheres em esportes como futebol e futsal, uma vez que segundo os estudos de (Goellner, 2006), incentivos de redes de apoio (familiares e institucionais), podem ser essenciais para essa tarefa, principalmente de práticas historicamente ditas como “masculinizantes”.

No estudo de Joras e Jaeger (2013) em uma escola sobre a participação de meninas do Futsal identificou que, o futsal ainda é compreendido como um espaço hegemonicamente masculino, por ter sido historicamente criado e praticado majoritariamente por homens. Apesar disso, a modalidade tem despertado o interesse de muitas meninas, o que, por sua vez, tem provocado críticas e olhares questionadores sobre a legitimidade da presença feminina no contexto futebolístico.

Essa lógica reprodutora de desigualdades pode afastar as alunas dessas modalidades desde cedo e reforçar a ideia de que certos esportes “não são para elas”. No entanto, veremos em discussões mais a frente, quando há incentivo e oportunidade, observa-se o engajamento de mulheres em diversas modalidades, inclusive nas tradicionalmente associadas ao universo masculino.

Figura 1- Motivos que contribuíram para a entrada das atletas no local de treino



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Assim, partindo do histórico esportivo para as respostas sobre os motivos que levaram as atletas a iniciarem os treinos no local atual, (figura 1), também tendo a possibilidade de marcar mais de uma alternativa, observa-se que as opções “curiosidade pelo esporte” e “convite de amigos (as)” correspondem à boa parte das indicações, dado que corrobora a atuação da amizade como elemento central no acolhimento esportivo. Esses resultados reforçam o que foi discutido por Segundo Sousa (2025), ao demonstrar que a criação de mudanças nas práticas e percepções esportivas depende também da construção de vínculos afetivos e coletivos nos espaços de iniciação esportiva, o que pode ter contribuído para tornar o futevôlei uma prática atrativa, especialmente quando associada a dinâmicas de iniciação acessíveis e ambientes acolhedores.

Em Rett; Claro;Turini, (2022), comentam que o Futevôlei é indicado a todos que desejam conhecer e praticar, independentemente de idade e sexo, podendo a iniciação ser quando crianças ou tardia.

Para compreender de forma mais ampla os desafios enfrentados pelas mulheres no futevôlei, especialmente no que diz respeito à permanência e regularidade na prática esportiva, foram levantados dados que apresentam aspectos sociais, familiares e estruturais da trajetória das atletas.

Tabela 2- Distribuição das atletas por faixa etária

Faixa Etária	Quantidade de Atletas	Porcentagem (%)
13 a 17 anos	17	44%
18 a 25 anos	10	26%
30 anos ou mais	9	23%
26 a 29 anos	3	8%
Total	39	dados aproximados

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

A Tabela 2 mostra que, embora no primeiro olhar a faixa etária predominante entre as participantes da pesquisa seja de adolescentes (13 a 17 anos, com 44%), há uma presença expressiva de mulheres adultas quando somadas: 26% têm entre 18 e 25 anos, 8% de 26 a 29 e 23% têm 30 anos ou mais, totalizando (57%). Esses dados oferecem dois pontos principais, 1: Diante dos obstáculos que limitam a entrada e a continuidade das mulheres nos contextos esportivos, muitas só conseguem se envolver com a prática esportiva na fase adulta. Da Silva et al. (2025); 2: Podem sugerir que o futevôlei vem atraindo não apenas jovens em fase de iniciação esportiva, mas também mulheres adultas que, por diferentes razões e motivos, têm se aproximado das práticas corporais e esportivas em contextos urbanos. Estudos como o de Martins, Silva e Vasquez (2021) apontam justamente para o crescimento da presença de mulheres adultas, especialmente de camadas médias, em modalidades esportivas ligadas ao lazer, à saúde e ao convívio social.

Nesse sentido, é possível que o futevôlei, por ser praticado ao ar livre, ter características lúdicas e ser socialmente valorizado, tenha se tornado um espaço interessante para mulheres que buscam se reconectar, ocupar espaços públicos ou reconstruir relações com o esporte. No entanto, esse cenário ainda precisa ser observado com atenção: quem são essas mulheres que conseguem acessar esses espaços? Quais fatores favorecem sua entrada e permanência? E, principalmente, quais barreiras ainda dificultam o envolvimento de outras mulheres com o futevôlei? A partir dessas questões, pode-se avançar para uma análise mais crítica sobre os obstáculos enfrentados pelas atletas, especialmente no que diz respeito à estrutura dos treinos, às relações de gênero e às oportunidades de evolução técnica no esporte.

4.1.2 Barreiras percebidas na prática do futevôlei

Os dados discutidos até aqui revelam como as barreiras impostas às mulheres no esporte podem extrapolar o campo físico ou técnico, e estarem enraizadas em dinâmicas de gênero que podem influenciar diretamente sua assiduidade, motivação e permanência no ambiente esportivo.

Nesse sentido, a tabela a seguir apresenta de forma quantitativa o número de atletas que relataram ter enfrentado algum tipo de resistência (seja por parte de familiares ou de companheiros (as)) no momento em que decidiram iniciar a prática do futevôlei. Esses dados contribuem para evidenciar como os fatores sociais podem exercer um papel significativo na vivência esportiva feminina.

Tabela 3 Sofre resistência da família ou companheiro (a) quanto à prática esportiva

Respostas	Quantidade de Atletas	Porcentagem (%)
Não	37	95%
Sim	2	5%
Total	39	100%

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

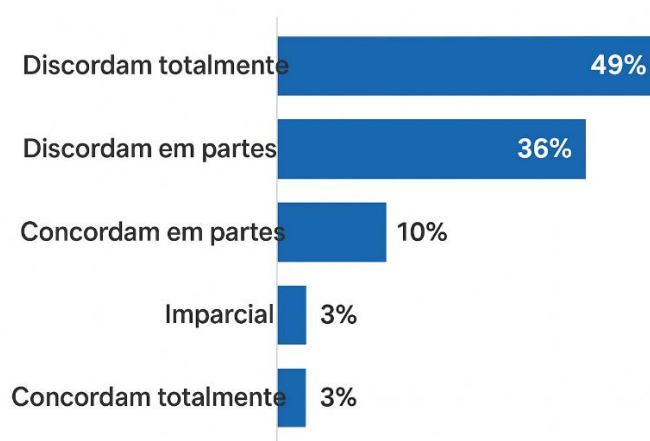
Das trinta e nove mulheres que responderam a esta pergunta, 95% disseram não ter sofrido nenhum desconforto ou resistência de algum membro da família, nem mesmo de companheiro (a) com a escolha de praticar o futevôlei.

“A família pode ser tida como o primeiro ambiente social onde a criança desenvolve sua identidade. Na maioria das vezes, uma trajetória exitosa no esporte pode estar associada a sua família pelas questões de dar suporte, incentivar e pelo encorajamento proporcionado” (Fonseca; Stela, apud Holanda, 2021, p.12).

Nesse sentido de incentivo, apoio e suporte principalmente pensando nas mulheres que são mães, a figura 2 apresenta as dificuldades para equilibrar questões familiares com os treinos e revelam que a maioria das atletas (85%) discordam total (49%) ou parcialmente (36%) dessa afirmação, sugerindo que, apesar dos obstáculos historicamente associados ao acúmulo de funções femininas no espaço privado, essas mulheres têm conseguido administrar suas rotinas e preservar o espaço da prática esportiva. No entanto, ao analisarmos com mais atenção os dados é possível perceber que há camadas de ambiguidade nessa percepção.

As atletas que “discordam em partes”, ainda que não vejam essa dificuldade como algo absoluto, reconhecem que em algum momento ou em alguma medida, ela existe. Da mesma forma, as que “concordam em partes” apontam para uma vivência que oscila entre a superação e o enfrentamento dessas barreiras. Assim, embora apenas 2,56% tenham declarado concordar totalmente, ao somar esse percentual com o das que “concordam em partes” (10%) e as que “discordam em partes” (36%) somamos um total de 49% das atletas que expressam algum grau de identificação com a dificuldade de conciliar treinos e demandas familiares. Isso mostra que a sobrecarga doméstica e a ausência de apoio ainda são obstáculos presentes, mesmo que não sejam predominantes.

Figura 2-Tem dificuldades para equilibrar questões familiares com os treinos



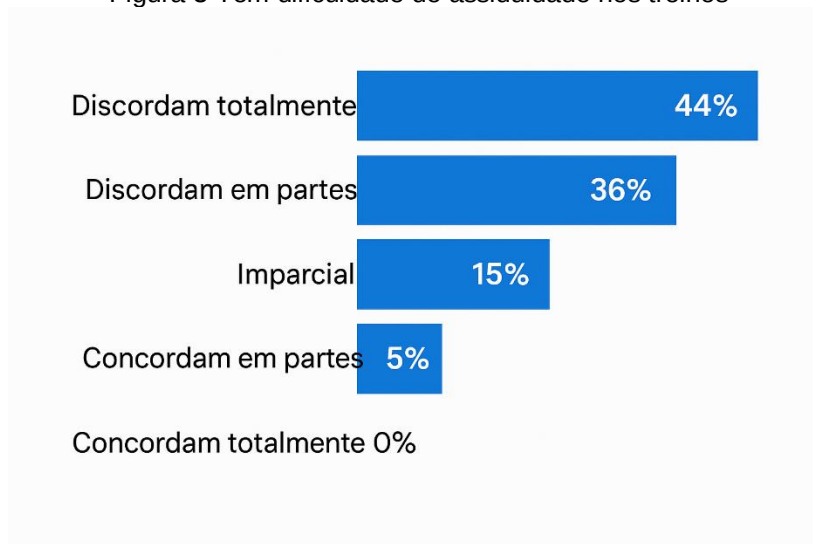
Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Portanto, essa análise mostra que a oposição entre “tem dificuldade” ou “não tem” não é rígida, mas expressa vivências múltiplas e em transição, em que o apoio familiar, o tempo disponível, a fase da vida ou as prioridades pessoais impactam diretamente na experiência esportiva. Como apontam Goellner et al. (2010), a conciliação entre as esferas pública e privada ainda é um desafio para as mulheres atletas, mesmo quando elas aparentam dar conta dessa rotina.

A figura 3, trata da dificuldade de assiduidade nos treinos, e reforça essa ambivalência já observada anteriormente. Embora 79,49% das atletas afirmem não ter dificuldades para manter frequência, somando as que discordam totalmente (43,59%) e discordam em partes (35,90%), é importante considerar que discordar

parcialmente também indica alguma vivência de instabilidade ou impedimento em determinados momentos. No entanto, quando levamos em conta as sobreposições de experiências expressas nas respostas intermediárias, o cenário se torna mais complexo.

Figura 3-Tem dificuldade de assiduidade nos treinos



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Isso porque, ao somarmos aquelas que se mostraram imparciais, concordam em partes e discordam em partes, percebemos que 56% das participantes podem ter enfrentado algum nível de dificuldade com a frequência aos treinos, mesmo que não a reconheçam de forma plena ou constante. Esse dado evidencia que “discordar em partes” não implica negação total da dificuldade, mas sim a vivência de obstáculos pontuais ou intermitentes, o que relativiza a aparente maioria que não enfrenta barreiras.

Por fim, os dados da tabela seguinte mostram que 62% das atletas não veem barreiras para sua permanência no esporte, mas 31% apontam a “falta de tempo” como o principal obstáculo. Ademais, ainda que em menor número, surgem relatos relacionados à falta de apoio ou motivação (3%) e a barreiras financeiras (5%), aspectos que, somados, sobe para 39% a quantidade de participantes que reconhecem, em algum nível, obstáculos à sua permanência no futevôlei (ver tabela 4). Esses dados dialogam com os resultados apresentados anteriormente, especialmente sobre a assiduidade aos treinos e os conflitos familiares apontados por algumas atletas. Assim, percebe-se que a permanência das mulheres no futevôlei não

depende apenas da vontade individual, mas também das condições objetivas que atravessam suas rotinas, como carga de trabalho, apoio afetivo e estrutura financeira.

Interessante também notar que nenhuma atleta mencionou o preconceito de gênero como dificuldade direta para permanecer no esporte, o que pode indicar diferentes leituras sobre o que é percebido como “barreira”, ou até mesmo certa naturalização de situações de desigualdade que não são nomeadas como tal. Em síntese, os dados indicam avanços na superação de barreiras tradicionais, como ser mulher em um ambiente historicamente masculino, mas também revelam que as questões estruturais e sociais continuam influenciando a permanência e a frequência de mulheres no esporte, especialmente aquelas relacionadas à gestão do tempo e à sobrecarga de tarefas no ambiente familiar.

Tabela 4— Enfrenta alguma dessas dificuldades para permanecer no esporte

Categoria	Quantidade	Porcentagem (%)
Não vejo dificuldades/barreiras	24	62%
Falta de tempo	12	31%
Financeira	2	5%
Falta de motivação/apoio	1	3%
Preconceito de gênero	0	0,00%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Esses dados evidenciam que a permanência das mulheres no futevôlei é atravessada por múltiplas camadas de desafios, que não se esgotam em aspectos objetivos como tempo, dinheiro ou apoio social. Como discutido anteriormente, há uma pluralidade de experiências que não pode ser compreendida a partir de uma ideia homogênea de “ser mulher no esporte”. Desse modo, torna-se necessário considerar que a vivência esportiva das mulheres também é moldada por outros marcadores sociais que se entrelaçam ao gênero, como a raça e a classe. Nesse sentido, conforme apontam Butler (apud Martins; Silva; Vasquez, 2021), as formas de performar as feminilidades são diversas e resultam de agenciamentos contextuais, nas relações de poder e nas intersecções com outros eixos de desigualdade.

Neste sentido, a tabela a seguir, apresenta dados sobre a auto declaração racial das atletas participantes, elemento fundamental para compreendermos como essas camadas se cruzam e impactam suas trajetórias no esporte.

Tabela 5- Auto declaração Racial das Atletas Participantes

Raça/Cor Autodeclarada	Quantidade de Atletas	Porcentagem (%)
Branca	20	52%
Parda	16	41%
Preta	3	8%
Amarela	0	0,00%
Indígena	0	0,00%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

A auto declaração racial das atletas participantes da pesquisa, revela uma predominância de mulheres brancas (52%), seguidas pelas pardas (41%) e, em menor proporção, pelas pretas (8%). Nenhuma atleta se autodeclarou amarela ou indígena. Esses dados apontam para uma maioria de mulheres brancas e, em menor medida, mas para uma representatividade significativa de mulheres negras (soma de pretas e pardas: 49%), ainda que dentro dessa categoria, as pardas estejam em maior número. A ausência de auto declarações indígenas e amarelas também aponta para a necessidade de ampliar o alcance e a inclusão do futevôlei em diferentes grupos sociais e étnico-raciais.

Esses resultados dialogam com a análise de Martins, Silva e Vasquez (2021, p.4), quando afirmam que “olhar a pluralidade da experiência das mulheres no Brasil implica demarcar o peso da questão racial”. As autoras apontam que gênero, classe e raça são fatores que se entrelaçam nas trajetórias esportivas femininas. A predominância de mulheres brancas e pardas no futevôlei contribui para esse cenário de menor vulnerabilidade, já que, segundo as reflexões das autoras, meninas negras tendem a perceber os estereótipos de gênero vinculados ao esporte de maneira distinta, enfrentando mais barreiras sociais, raciais e estruturais que impactam desde a escolha da modalidade até a permanência no esporte. Nesse sentido, a seguir, aprofundaremos a análise sobre como as dinâmicas de gênero se manifestam nas experiências das mulheres no futevôlei, especialmente nos ambientes de treino e competição.

4.2 Questões de gênero no Futevôlei

A sociedade, ao impor normas rígidas sobre como homens e mulheres devem agir, acaba limitando as possibilidades de expressão e identidade, como os estereótipos que ditam quais atividades são femininas e quais não. Dessa forma, (Goellner,2013) defende que o entendimento de gênero deve ser ampliado para incluir as diversas experiências e vivências que não se encaixam nas categorizações tradicionais, reconhecendo as diferentes formas das mulheres viverem suas feminilidades. Ou seja, a autora apresenta que, por muito tempo a prática esportiva era atribuída a homens e a participação da mulher nesse espaço é lugar de resistência, luta, conquista de direitos e transformação das relações de gênero.

Diante disso, parece pertinente compreender como essas atletas mulheres, adolescente, mães, esposas, se percebem no contexto esportivo à luz das questões de gênero. Por esse motivo, os dados apresentados a seguir refletem essas percepções.

Por isso, os dados das tabelas abaixo, mostram como as atletas percebem a participação das mulheres no esporte e como elas enxergam ou se sentem, sobre as desigualdades entre a participação de homens e mulheres no esporte em geral e no Futevôlei.

Tabela 6- Percepção sobre o ambiente esportivo em geral

Percepção	Quantidade de atletas	Porcentagem (%)
Maior participação dos homens, mas crescimento das mulheres	30	77%
Maior participação dos homens e dificuldade das mulheres	4	10%
Maior participação dos homens	3	8%
Participação igualitária entre homens e mulheres	2	5%
Maior participação das mulheres	0	0,00%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Ao somar os percentuais os três primeiros percentuais, (itens da tabela, que concordam com a maior participação dos homens no ambiente esportivo), pode-se concluir que 95%, (37 de um total de 39 atletas) responderam perceber uma maior participação dos homens no esporte. Essa percepção é condizente com dados

nacionais que apontam para uma desigualdade persistente na apropriação dos espaços esportivos. Segundo o Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesport), embora a maioria da população pratique esportes de forma independente, as mulheres ainda representam uma minoria nos espaços institucionalizados, correspondendo a menos da metade do já reduzido grupo que acessa essas estruturas quando comparadas aos homens (Servadio, 2022). Esses dados dialogam com os resultados apresentados por Martins, Silva e Vasquez (2021), que analisaram o suplemento esportivo da PNAD 2015. Elas observaram que, entre homens e mulheres participantes, 53,8 % eram mulheres e 46,2% homens. Entre as mulheres, apenas 17,1 % disseram praticar algum esporte, enquanto os homens, mesmo em percentual menor, 30,7% responderam praticar alguma atividade esportiva.

Nesse sentido, a consciência sobre a desigualdade é um passo importante para que as mulheres possam questionar e disputar esses espaços de forma mais ativa, transformando as relações de gênero que estruturam o ambiente esportivo.

Trazendo uma reflexão social desses mesmos dados, observa-se que as três mulheres que se auto declararam pretas (tabela 5) indicaram percepções marcadas pela desigualdade: uma escolheu a opção “maior participação dos homens e dificuldade das mulheres”, outra “maior participação dos homens”, e uma terceira “maior participação dos homens, mas com crescimento das mulheres”. Nenhuma delas, portanto, sinalizou uma visão de igualdade na participação. Esse dado permite levantar a hipótese de que as respostas mais igualitárias tenham vindo de atletas brancas, o que sugere diferenças significativas na forma como a experiência esportiva pode ser percebida de acordo com os marcadores sociais. Assim, ainda que o futevôlei possa ser visto como um espaço de abertura para mulheres, ele não se apresentar de forma uniforme para todas. A experiência esportiva no Futevôlei, nesse sentido, parece seguir certos padrões de desigualdades vistos em outros contextos esportivos.

Nesse sentido, torna-se ainda mais relevante compreender como essas atletas se sentem em relação à sua própria presença em espaços esportivos, principalmente a sensação de um ambiente seguro no Futevôlei. A tabela 7 traz as percepções das atletas sobre participarem de eventos envolvendo o esporte, seja em jogos aleatórios, competições ou treinos.

Tabela 7– Participação em eventos de futevôlei (jogos, day use, torneios)

Percepção/Experiência	Quantidade de atletas	Porcentagem (%)
Nunca me senti incomodada, caso fosse a única mulher	19	49%
Confortável apenas com a participação de outras mulheres	7	18%
Já sofri discriminação por ser mulher	5	13%
Já desisti de jogar uma partida ou torneio por ser mulher	3	8%
Tenho vergonha de jogar, mas não por ser mulher	1	3%
Em um local com pessoas desconhecidas e fosse a única mulher, me sentiria incomodada	1	3%
Não tive nem a oportunidade de jogar	1	3%
Outro	1	3%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Observa-se que quase metade das atletas (49%) indicou nunca ter se sentido incomodada por ser a única mulher presente em eventos de futevôlei, o que sugere uma relativa confiança ou adaptação nesse ambiente predominantemente masculino. Porém, 7 delas relataram se sentir mais confortáveis apenas na presença de outras mulheres, reforçando a importância de espaços voltados para a participação de mulheres para o acolhimento e fortalecimento das jogadoras. Ademais, cerca de 23% das participantes revelaram experiências mais negativas: (5 atletas) afirmaram já ter sofrido discriminação por serem mulheres, enquanto (3 atletas) desistiram de participar de partidas ou torneios devido a essa condição.

Esses dados revelam um contraste importante com o que foi observado anteriormente, quando a maioria declarou não identificar barreiras à sua permanência no esporte. Tal contradição pode indicar uma naturalização das desigualdades de gênero no ambiente esportivo, ou seja, se em sociedade, se produz e reproduz cultura, acaba sendo “natural aceitar” certos comportamentos. Assim, dar condições de reconhecer e nomear esses comportamentos e experiências é um passo importante para que as mulheres possam reivindicar espaços mais acolhedores e igualitários no esporte.

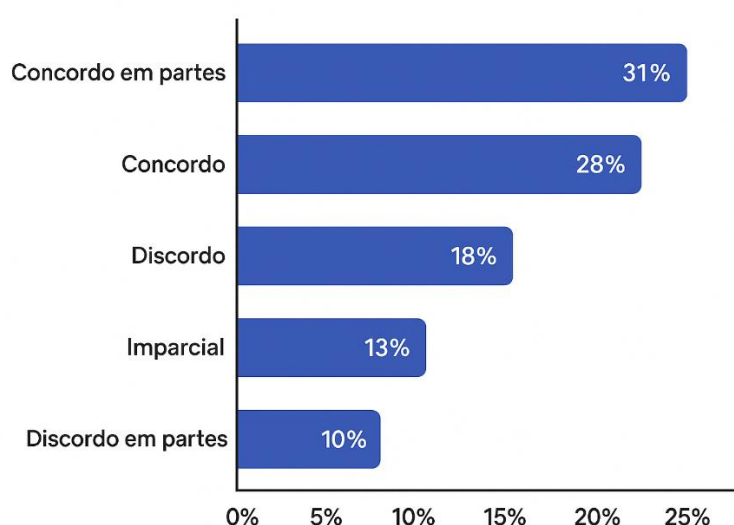
Por isso, (Da Silva et al., 2025) destaca a relevância de estabelecer e preservar ambientes esportivos que incentivem a igualdade de oportunidades e a inclusão de mulheres. A desconstrução dos estereótipos de gênero e a adoção de políticas e práticas que promovam a equidade são fundamentais para aumentar a participação feminina e assegurar um ambiente esportivo mais equitativo e receptivo.

Dessa forma, torna-se interessante compreender como essas percepções se refletem dentro das dinâmicas de jogo, especialmente nas duplas. A forma como as atletas avaliam sua própria atuação, bem como as relações estabelecidas com seus parceiros (as), pode revelar detalhes importantes sobre reconhecimento, confiança, “desigualdade técnica presumida” e papéis de gênero reproduzidos dentro da prática esportiva. Essas dinâmicas, muitas vezes naturalizadas, constituem um terreno fértil para compreender os limites e as possibilidades de uma participação verdadeiramente equitativa no futevôlei.

4.2.1 Percepções das atletas sobre relações e comportamentos de gênero nas duplas de futevôlei

A fim de compreender como as questões de gênero afetam a participação de mulheres em jogos de duplas, as tabelas a seguir apresentam percepções das atletas sobre suas experiências ao jogar com homens e mulheres, incluindo aspectos como facilidade, preferências dos parceiros e diferenças de comportamento observadas nos jogos mistos. Esses dados contribuem para entender fatores que impactam o conforto, o protagonismo e o engajamento de mulheres no futevôlei, e serão aprofundados na comparação entre os treinos exclusivamente de mulheres e os mistos.

Figura 4-Tenho facilidade em jogar tanto com mulheres quanto com homens

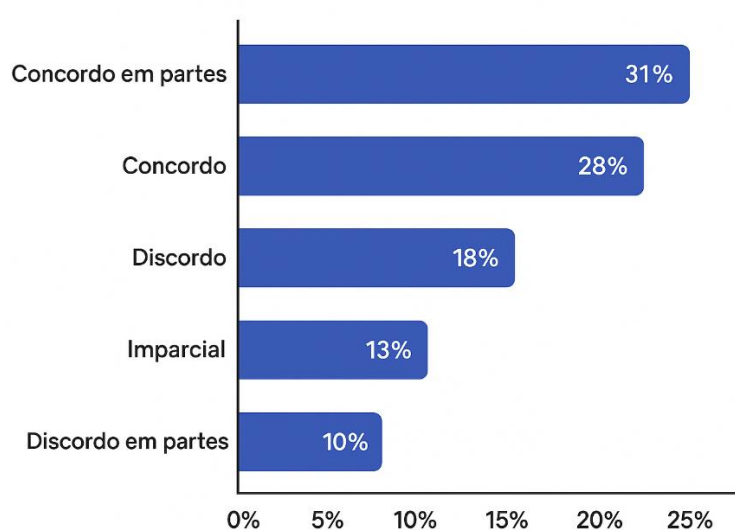


Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

A figura 4 revela que 31% das atletas concordam em partes sobre terem facilidade em jogar tanto com mulheres quanto com homens, e 28% concordam totalmente, totalizando 59% que expressam algum nível de concordância. Isso indica que mais da metade das participantes percebem positivamente sua atuação e/ou entendem que as dinâmicas de jogo entre as duplas são equilibradas ou satisfatórias. Por outro lado, somando as atletas que discordam totalmente e discordam em partes, 28% de atletas que revelam dificuldades mais marcantes para atuar em ambos os contextos. É importante considerar, no entanto, que a concordância parcial também indica a existência de limitações ou tensões em determinados contextos, totalizando (59%), com algum grau de discordância. Assim como nas concordâncias parciais, as discordâncias em partes também sinalizam que, em certas situações, pode haver sim algum nível de facilidade ou adaptação, ainda que não predominante.

Essa hipótese ganha suporte na figura 5, na qual a grande maioria das atletas reconhece que a maioria dos homens prefere jogar com outros homens. Essa preferência masculina pode impactar diretamente o protagonismo e o espaço das mulheres nos jogos, apontando para desafios nas relações de gênero dentro do futevôlei misto.

Figura 5- A maioria dos homens prefere jogar com homens



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Se somarmos as atletas que concordam totalmente com as que concordam em partes, temos 74% reconhecendo, em maior ou menor grau, essa tendência masculina. Isso evidencia uma percepção amplamente compartilhada de que muitos homens ainda priorizam a parceria com outros homens nos jogos. Em contraponto, apenas 13% expressam algum nível de discordância (10% discordam em partes e 3% discordam totalmente), o que mostra que são poucas as atletas que não percebem essa preferência masculina como relevante.

Cabe ressaltar que as respostas intermediárias (“concordo em partes” e “discordo em partes”) indicam vivências ambíguas, em que as atletas reconhecem a existência de momentos ou situações em que essa preferência é mais ou menos acentuada. Isso reforça a ideia de que a presença feminina nos jogos mistos nem sempre é rejeitada, mas pode estar condicionada a variáveis como o nível técnico da jogadora, sua relação com os homens do grupo ou o tipo de evento em questão.

Sendo assim, além da percepção sobre a preferência dos homens em jogar com outros homens, é importante compreender como as atletas vivenciam o comportamento dos seus parceiros durante as partidas mistas. As diferenças nas atitudes e na forma de jogar podem refletir e influenciar a experiência das mulheres em quadra. A tabela 8 apresenta as impressões das atletas sobre o comportamento dos parceiros nos jogos, revelando como elas percebem o comprometimento, o respeito e eventuais adaptações no estilo de jogo conforme o gênero dos companheiros.

Tabela 8– Percepção sobre o comportamento do parceiro em partidas com homens e mulheres

Afirmação	Quantidade de atletas	Porcentagem (%)
Sinto que meu parceiro joga igual (com homens e com mulheres)	21	54%
Sinto que meu parceiro joga diferente quando joga com outro homem também iniciante	9	23%
Sinto que meu parceiro se preocupa por eu ser mulher	7	18%
Meu parceiro "tira o pé" quando joga comigo ou com outras mulheres	2	5%
Só joguei com mulheres	0	0,00%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Os dados revelam que a maioria das atletas (54%) percebe que seus parceiros jogam da mesma forma, independentemente do gênero de quem está em quadra, o que pode indicar um ambiente mais igualitário ou, pelo menos, uma tentativa de neutralidade durante o jogo. No entanto, essa percepção não é unânime. Aproximadamente 46% das participantes relataram algum tipo de diferença de comportamento nos jogos mistos: as atletas que perceberam que os parceiros jogam diferente quando estão com outro homem iniciante, sugerindo que as variações de atitude não estão totalmente restritas ao gênero, mas talvez relacionadas à expectativa de desempenho; as que relataram que os parceiros demonstram preocupação por serem mulheres, pode refletir tanto cuidado quanto uma visão paternalista; e as que afirmaram que seus parceiros "tiram o pé" em jogos com mulheres, evidenciam uma possível subestimação de suas capacidades.

Esses dados sugerem que, mesmo em contextos recreativos ou de treinamento, as relações de gênero impactam diretamente a dinâmica dos jogos mistos. Em diálogo com a análise de Messner (2002), que destaca, em *Taking the Field: Women, Men, and Sports*, que a presença de mulheres em ambientes esportivos tradicionalmente masculinos tende a provocar uma mudança de comportamento nos homens. Segundo ele, é comum que os homens adotem uma postura mais protetora ou até mesmo excessivamente competitiva como forma de reafirmar sua masculinidade diante da presença feminina. A partir disso, percebe-se que, mesmo quando a intenção é inclusão, persistem padrões de conduta assimétricos entre os gêneros, reforçando desigualdades simbólicas e práticas dentro do esporte.

Essa mudança de conduta, muitas vezes pode ser inconsciente, reafirmando a ideia de que o corpo masculino é o referencial de "excelência" esportiva, enquanto o corpo feminino continua sendo marcado pela dúvida e pela desconfiança, como aponta Goellner (2005) ao discutir as barreiras simbólicas e práticas enfrentadas pelas mulheres nos esportes.

Diante desse cenário, o ambiente do futevôlei misto pode ainda não ser plenamente acolhedor para as mulheres, visto os comportamentos e as barreiras simbólicas relatadas nas tabelas, como acontece no ambiente misto do basquete, na pesquisa de (Da Silva et.al, 2025, p.168): "ambientes mistos podem apresentar desafios adicionais, incluindo a necessidade de adaptação às expectativas predominantes no esporte praticado com homens". Esse conjunto de fatores reforça

a necessidade de espaços onde as atletas possam se sentir mais seguras, valorizadas e livres das dinâmicas de desigualdade de gênero que permeiam o esporte tradicionalmente masculinizado. Torna-se relevante compreender como as atletas percebem os treinos compostos exclusivamente por mulheres, analisando se tais espaços contribuem para um ambiente mais seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento técnico e pessoal das jogadoras.

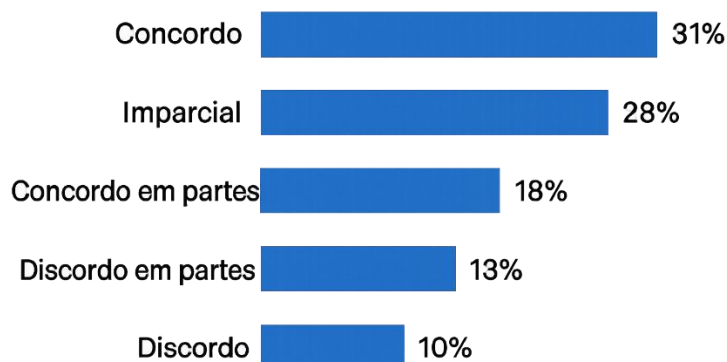
4.2.2 Percepções sobre os treinos exclusivamente de mulheres

Os dados a seguir reúnem percepções das atletas sobre a vivência em turmas compostas apenas por mulheres. A proposta é entender como esse formato de treino influencia aspectos subjetivos como o conforto durante a prática, o sentimento de pertencimento ao grupo e o estímulo à continuidade no esporte. Essas dimensões são fundamentais para refletir sobre a criação de espaços seguros e acolhedores para mulheres (Da Silva et.al, 2025) no futevôlei, considerando os desafios históricos enfrentados por elas no acesso e permanência no meio esportivo, como já citado anteriormente.

Esses resultados dialogam diretamente com as análises de Walseth (apud Martins; Furtado; Gomes, 2024) que aponta o esporte como espaço privilegiado de sociabilidade, apoio mútuo e formação de redes solidárias entre mulheres. Ou seja, se alinham com o que chamam de um “sentido comunitário de pertencimento”, onde o envolvimento esportivo gera vínculos que transcendem a prática em si, configurando espaços de confiança, reciprocidade e solidariedade. Ademais, sobre o espaço exclusivo de mulheres (Brady, 2005, apud Da Silva et al., 2025, p. 157) destaca que: “esses ambientes criam laços, promovem pertencimento e protegem contra discriminação e sexismo, funcionando como espaços seguros”.

A análise da figura 6 evidencia que a maioria das atletas apresenta algum grau de concordância com a afirmação “Me sinto mais confortável em jogar só com mulheres”. Das 39 participantes, 30% (12) concordam totalmente e 18% (7) concordam em partes, totalizando 24 atletas (62%) que demonstram inclinação favorável à afirmação.

Figura 6-Me sinto mais confortável em jogar só com mulheres

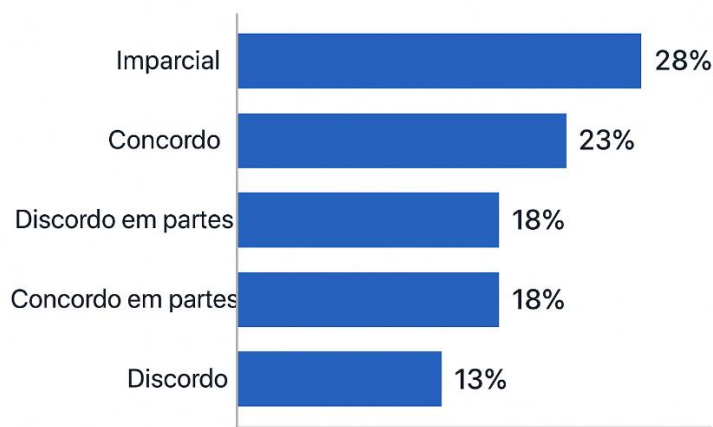


Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

O número mais expressivo de respostas que apontam para uma sensação de conforto em treinar entre mulheres indica a valorização dos espaços exclusivamente de mulheres no futevôlei. Ademais, “espaços exclusivos promovem segurança, inclusão e sororidade, reduzindo o medo e o julgamento, e são fundamentais para o empoderamento das mulheres” Da Silva et al. (2025, p.1).

Essa preferência pode estar relacionada, também, ao sentimento de pertencimento que esses ambientes proporcionam, “O pertencimento clubístico, então, pode ser entendido como uma das possíveis formas de identidade social” (Servadio, 2022, p.98).

Figura 7-Me sinto mais parte (pertencimento) do grupo



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Entre as 39 participantes, 23% (9) afirmam concordar plenamente com a afirmação “Me sinto mais parte (pertencimento) do grupo”, e 18% (7) concordam em partes, totalizando 41% (16 atletas) com algum grau de concordância. Por outro lado, somando 31% (12 atletas) indicam algum nível de desconexão com o grupo. Assim como na discussão anterior, as respostas “em partes” demonstram nuances importantes, pois indicam experiências híbridas, nem totalmente positivas, nem totalmente negativas. Essa oscilação entre pertencimento e desconforto ilustra como o reconhecimento pleno das mulheres como integrantes legítimas do esporte ainda é um processo em construção, marcado por negociações constantes de identidade e resistência frente às estruturas tradicionalmente masculinas (Pimentel, 2024).

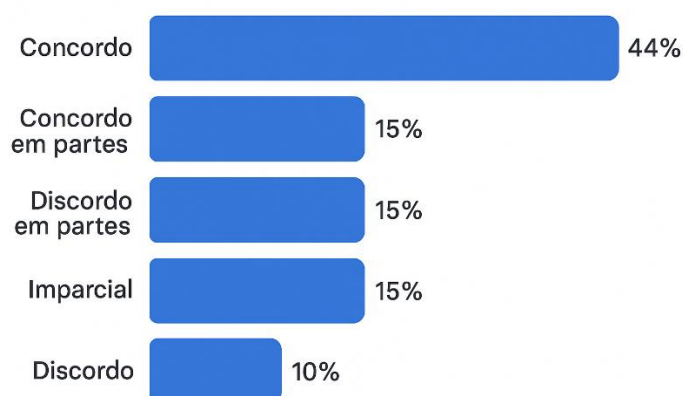
Essa tendência evidencia, mais uma vez, a importância da construção de ambientes seguros e acolhedores, onde as mulheres possam se sentir parte legítima do espaço esportivo. Servadio (2022, p. 98) define esse sentimento de conexão como “pertencimento clubístico”, uma das possíveis formas de identidade social. Do ponto de vista simbólico, essa identidade coletiva é fortalecida por laços afetivos com o grupo e com o projeto de futevôlei de mulheres, podendo se manifestar, por exemplo, na escolha de nomes das equipes ou na criação de uniformes. Assim, a formação de turmas exclusivamente femininas não apenas favorece a socialização e o bem-estar das atletas, mas também atua como estratégia de permanência e engajamento, especialmente diante dos obstáculos estruturais e culturais que ainda limitam o acesso das mulheres ao esporte.

Nesse contexto, torna-se relevante observar como esse sentimento de pertencimento influencia também a confiança e o interesse das atletas em participar de competições, o que será explorado no próximo tópico.

Esses dados reforçam a importância de refletir sobre como os ambientes exclusivamente de mulheres estão sendo construídos e percebidos pelas próprias mulheres, especialmente no que se refere à inclusão, acolhimento e fortalecimento coletivo, sugerindo que tais espaços podem ser essenciais para a promoção da equidade e do protagonismo de mulheres no esporte.

A figura que segue, evidencia que a existência de treinos exclusivamente de mulheres representa um fator relevante de incentivo para muitas atletas.

Figura 8-Ter treino somente de mulheres me incentiva a jogar



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

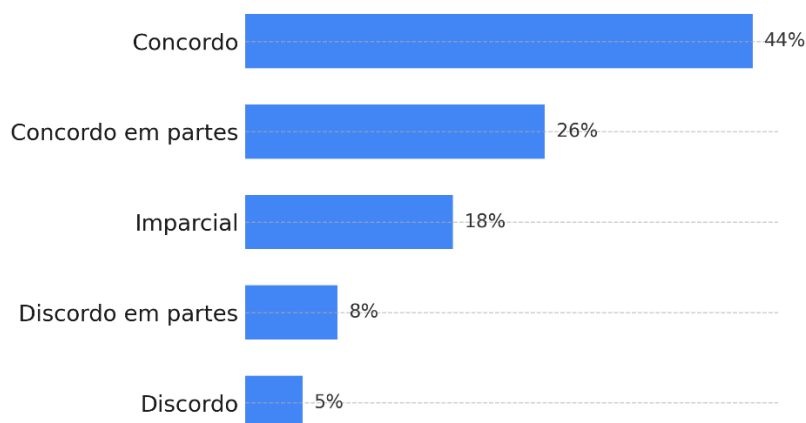
Ao somar as respostas das que concordam (44%) com as que concordam em partes (15%), observa-se que 59% (23 atletas) reconhecem, em algum grau, que essas turmas são estímulo para sua prática esportiva.

Esse dado sugere que os espaços compostos apenas por mulheres funcionam não apenas como ambientes mais acolhedores, mas também podendo ser promotores da continuidade e da confiança no jogo. Esse achado dialoga com o estudo de Martins, Silva e Mion (2023), que investigaram a iniciação ao futsal entre mulheres adultas e evidenciaram como esses espaços, ao serem construídos de forma coletiva e com base no respeito mútuo, contribuem para a criação de ambientes seguros e de

pertencimento. Nas ideias das autoras, nesse tipo de ambiente as mulheres podem se sentir mais livres para experimentar, errar e se desenvolver tecnicamente sem medo de julgamento ou desvalorização.

Por fim, encerrando a discussão deste tópico, a última tabela indica que apenas 44% das atletas afirmam com clareza que se sentem confortáveis ao treinar com homens. A maior parte das participantes, no entanto (56%) não expressa concordância plena com essa ideia: 26% concordam apenas em partes, 13% discordam e 18% se mantêm imparciais.

Figura 9-Não senti diferenças, também me sentia bem com homens



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Esse cenário revela que, embora a convivência em ambientes mistos também sejam de bom grado para algumas atletas, a experiência de conforto ainda não é garantida para todas, reforçando a relevância dos espaços exclusivamente de mulheres discutidos anteriormente. O sentimento de acolhimento, portanto, não está necessariamente vinculado apenas à ausência de homens, mas pode estar relacionado ao ambiente geral de respeito, apoio e inclusão no treino.

É possível, por exemplo, que nesses contextos mistos mais acolhedores, as mulheres tenham conseguido construir vínculos positivos, o que os autores Da Silva et al. (2025) chamam de “homem amigos”: “durante as práticas esportivas, alguns homens demonstram uma postura de compreensão e respeito em relação às mulheres, proporcionando um ambiente mais acolhedor e seguro para a participação delas” (Da Silva et al., 2025, p.163). Sendo assim, as tabelas analisadas nesse tópico

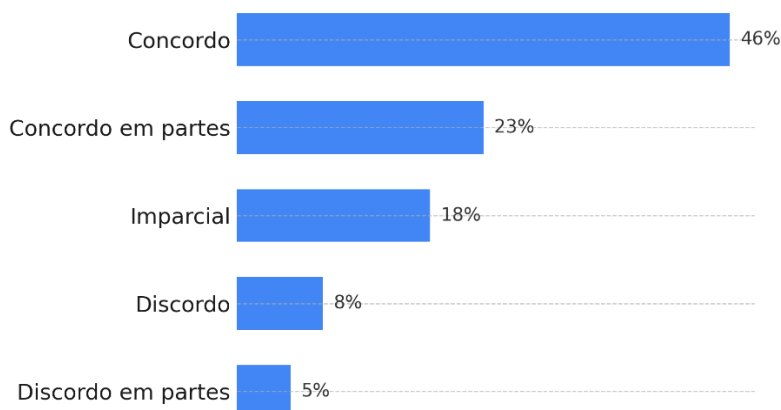
evidenciam que, embora muitas atletas expressem preferência por contextos exclusivamente de mulheres, isso não necessariamente implica em desconforto ou rejeição aos treinos mistos. Pelo contrário, os dados indicam uma convivência possível e, por vezes, positiva entre diferentes formações, desde que o ambiente promova acolhimento, respeito e reconhecimento das mulheres como participantes legítimas. Essa convivência mais harmônica nos treinos mistos de futevôlei pode estar relacionada ao maior equilíbrio de habilidades entre os gêneros, o que difere de modalidades como o futebol, em que meninas costumam ter pouco espaço e oportunidades desde as primeiras experiências, gerando contextos menos inclusivos (Pimentel, 2024).

Diante da importância dos espaços de treino exclusivamente de mulheres na promoção de conforto, pertencimento e engajamento, torna-se essencial investigar também quem conduz esses espaços. Afinal, a figura do treinador ou da treinadora pode ter papel determinante tanto na criação de um ambiente seguro quanto na manutenção das dinâmicas tradicionais de gênero. Assim, a próxima seção aborda a percepção das atletas sobre a atuação desses profissionais nos treinos

4.2.3 Percepção sobre treinadores e treinadoras

Este tópico em questão tem como objetivo apresentar a percepção das atletas sobre a atuação dos treinadores nos treinos voltados exclusivamente para mulheres. Para isso buscou-se compreender como elas avaliam a condução técnica e pedagógica nesses espaços, e como esses profissionais podem influenciar diretamente no engajamento, na motivação e na permanência das mulheres no esporte. Assim, a figura abaixo (10), traz as respostas das atletas sobre o impacto de terem uma mulher como treinadora. A intenção é compreender se a representatividade feminina em cargos de liderança técnica funciona como fator de incentivo e identificação para as praticantes, contribuindo para fortalecer a presença das mulheres e a permanência delas em diferentes papéis dentro do esporte.

Figura 10— Ter como treinadora uma mulher me incentiva



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Assim como no futsal e no futebol, a presença de treinadoras e a atuação de profissionais sensíveis às demandas do esporte praticado por mulheres aparecem como aspectos fundamentais para sua permanência e desenvolvimento (Da Silva et.al, 2025). No caso do futevôlei, essa necessidade também foi mencionada pela grande maioria das atletas (69%), que concordaram com o incentivo de uma treinadora mulher, destacando a importância de ambientes conduzidos por pessoas que compreendam suas vivências e desafios.

É necessário que a mulher esteja inserida no esporte, não apenas como praticante ou atleta, mas também em cargos de gestão esportiva. É importante que, cada vez mais, as mulheres façam parte da organização e direção de entidades que regem o futebol e futsal brasileiro, pois, devemos aproximar estas instituições das realidades da modalidade feminina (Holanda, 2021, p.15).

Nesse sentido, torna-se essencial pensar a construção de espaços significativos no futevôlei que avancem na mesma direção. Como aponta Holanda (2021) acima, é necessário que a mulher esteja inserida no esporte não apenas como atleta, mas também ocupando espaços de decisão e gestão, contribuindo para ambientes mais acolhedores, seguros e alinhados às especificidades das praticantes.

Considerando essas questões, o próximo capítulo explora as percepções das atletas sobre as experiências em vivências exclusivamente femininas em comparação

com os contextos mistos, aprofundando o olhar sobre as diferenças nas dinâmicas, sensações e relações estabelecidas em cada espaço.

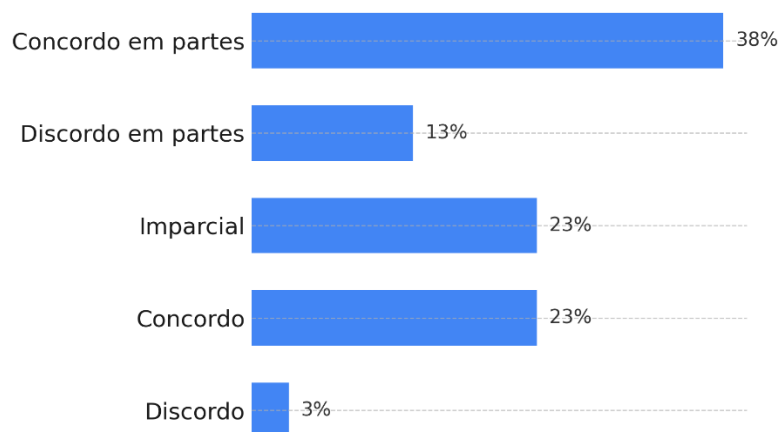
4.2.4 Comparativo entre vivências femininas e mistas

Abaixo, são apresentadas as análises, que comparam as percepções das atletas em relação aos treinos e jogos exclusivamente de mulheres e mistos. O objetivo é analisar como a configuração das duplas ou turmas (se mistas ou compostas apenas por mulheres) impacta aspectos como protagonismo em quadra, preferência por tipo de parceria nos jogos, facilidade de adaptação, percepção sobre a postura dos homens e sobre o comportamento dos próprios parceiros durante as partidas. Essas comparações ajudam a compreender de que forma o ambiente esportivo molda a vivência das mulheres no futevôlei, influenciando seu desempenho, segurança e inserção nas práticas mistas.

As figuras 11 e 12 trazem a comparação do sentimento de protagonismo e de maior participação entre o jogo de mulheres com o misto.

Entre as atletas, 23% afirmaram que se sentiram plenamente à vontade para “ousar” no jogo entre mulheres, enquanto 38% concordam em partes com essa ideia. Somadas, essas respostas indicam que 62% das participantes reconhecem, em algum grau, uma maior liberdade de protagonismo nesses contextos.

Figura 11-Me senti mais à vontade para ousar no jogo de mulheres (protagonismo)

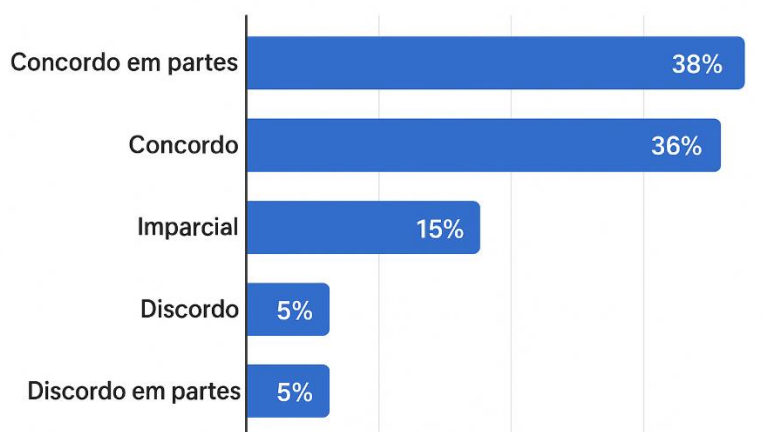


Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Essas percepções de maior liberdade para “ousar” no jogo também dialogam com a sensação de maior participação dentro das partidas. A figura a seguir evidencia essa relação, mostrando que 14 atletas (35%) concordam plenamente que passaram a participar mais do jogo em treinos exclusivamente de mulheres, enquanto 15 (38%) concordam em partes.

Juntas, essas respostas indicam que 74% das participantes demonstram algum grau de concordância com a afirmação. Esses dados reforçam a ideia de que o ambiente de mulheres pode favorecer não apenas à experimentação, mas também a maior inserção ativa no jogo, potencializando o protagonismo das atletas e contribuindo para a permanência e o engajamento no esporte.

Figura 12- Passei a participar mais do jogo



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Esses dados revelam, por um lado, uma tendência de fortalecimento da confiança e do protagonismo feminino dentro do futevôlei. Por outro, expõem que uma parcela considerável das atletas ainda não vivencia plenamente esse espaço como um lugar de atuação ativa e livre de barreiras, seja por insegurança, por vivências anteriores, ou pela forma como se estruturam as dinâmicas de gênero nos jogos.

Observa-se que uma parte significativa das atletas relatou mudanças positivas em sua atuação dentro do jogo, tanto no que diz respeito ao protagonismo quanto à participação. Ademais, essas respostas revelam que os treinos exclusivamente femininos não apenas influenciam a forma como as atletas se sentem durante o jogo,

mas podem também impactar suas preferências na escolha de duplas e parceiros (as) nas partidas avulsas.

A seguir, a tabela apresenta como essas atletas se posicionam quando podem escolher livremente com quem jogar, indicando se preferem formar duplas mistas ou manter os pares por gênero.

Tabela 9– Preferência em jogos avulsos (duplas mistas ou por gênero)

Preferência	Quantidade de Atletas	Porcentagem (%)
Prefiro jogar só com duplas mistas	16	41%
Prefiro jogar com mulheres	16	41%
Prefiro jogar com homens	4	10%
Não respondeu / outra	3	8%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Nessa tabela, 32 das 39 atletas (82%) demonstraram preferência por jogar com duplas mistas ou exclusivamente com mulheres, enquanto apenas 4 atletas, indicaram preferir jogar apenas com homens, ou seja, sendo a única mulher entre os quatro participantes da partida. Das preferências entra misto e mulheres, 16 afirmam preferir jogar com outras mulheres, enquanto outras 16 demonstram preferência por jogos mistos, indicando que divisão equilibrada aponta para dois movimentos complementares. Por um lado, o dado reafirma o que foi observado nas tabelas anteriores: a presença de outras mulheres no jogo é valorizada por parte significativa das atletas, sendo associada a sentimentos de segurança, pertencimento e representatividade. Por outro, a preferência equilibrada pelas duplas mistas indica que, para muitas atletas, esse formato também pode proporcionar vivências positivas.

Ainda que o misto envolva desafios ligados às desigualdades de gênero, sua escolha por parte de tantas participantes sugere que ele pode ser atrativo por diferentes motivos, como a possibilidade de desenvolver aspectos técnicos e físicos do jogo, o aumento do repertório tático ou mesmo o reconhecimento por parte dos pares masculinos. Assim, o dado reforça a ideia de que criar espaços significativos para mulheres não exclui a convivência mista, mas sim podendo ampliar as possibilidades de escolha e protagonismo dentro do esporte.

Nesse contexto, torna-se relevante observar como esse sentimento de pertencimento influencia também a confiança e o interesse das atletas em participar de competições, o que será explorado no próximo tópico.

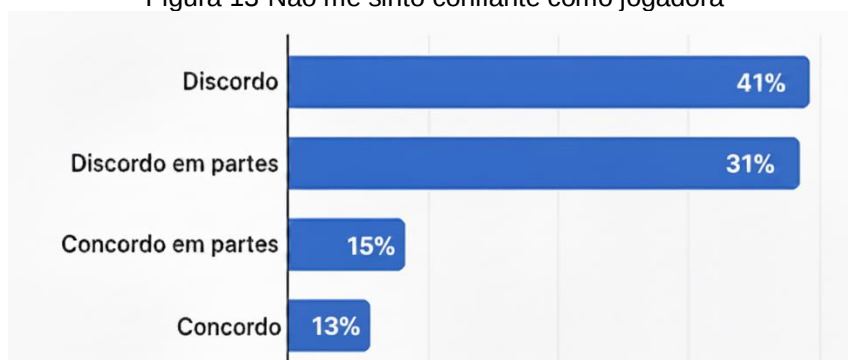
4.2.5 Inserção e confiança nas competições

Alguns estudos têm apontado que a baixa autoconfiança e o sentimento de despreparo técnico entre meninas e mulheres no esporte não são características individuais, mas efeitos de um ambiente historicamente construído com base em padrões masculinos de desempenho e comportamento. Da Silva et al. (2025) destaca, constante necessidade das mulheres de demonstrar capacidade e ajustar-se aos padrões masculinos em contextos esportivos mistos. Nesse contexto, cabe refletir sobre o papel dos treinos exclusivamente de mulheres no Futevôlei: esses espaços devem promover um ambiente mais seguro e estimulante, capaz de favorecer o desenvolvimento técnico e emocional das atletas. Essas questões se tornam centrais ao analisarmos as percepções das participantes sobre sua confiança e experiências competitivas, como será apresentado a seguir.

A seguir, as os dados ajudam a compreender como as mulheres percebem sua confiança enquanto jogadoras e quais experiências influenciam sua participação em campeonatos.

A primeira figura, apresenta um panorama da autoconfiança das atletas no futevôlei, a partir da afirmação “Não me sinto confiante como jogadora”. A maioria das participantes discorda total ou parcialmente dessa afirmação, o que sugere uma percepção predominantemente positiva de suas capacidades. Mais especificamente, 41% das atletas discordam totalmente de que se sentem inseguras, enquanto 31% discordam em partes. Somadas, essas respostas indicam que 72% das atletas não se identificam com a falta de confiança, revelando um cenário em que a maioria das jogadoras parece construir uma relação positiva com o próprio desempenho.

Figura 13-Não me sinto confiante como jogadora



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

No entanto, é importante destacar que as respostas intermediárias, como “concordo em partes” (15%) e “discordo em partes” (31%), podem carregar ambivalências. Essas categorias indicam que nem sempre se encaixam de forma simples como sinal de segurança ou insegurança, podendo refletir momentos de transição, dúvidas ou variações contextuais. Nesse sentido, 59% (soma), das respostas revelam ausência de autoconfiança plena. Esses dados sugerem que a insegurança técnica ainda é uma realidade para grande parte das atletas. Ou seja, uma parcela significativa das atletas ainda apresenta fragilidades ou hesitações em relação ao seu papel no jogo.

Esse cenário se relaciona diretamente com as experiências das atletas em contextos competitivos, tema abordado na tabela seguinte.

Tabela 10– Sentimentos e experiências sobre participação em competições

Afirmação	Quantidade de atletas	Porcentagem (%)
Já participava antes, quando treinava em turmas mistas (treino/jogo)	20	51%
Me senti mais segura em participar após início dos treinos femininos	6	15%
Ainda não me sinto à vontade para participar	6	15%
Sentia vontade quando treinava em turma mista, mas não tinha coragem	3	8%
Meu treino é com homens	1	3%
Não gosto de campeonatos	1	3%
Tenho facilidade maior no misto, pois na minha arena não tem turma feminina	1	3%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Observa-se que mais da metade das participantes (51%) já participava de campeonatos mesmo quando treinava em turmas mistas, enquanto outras 15% afirmam que se sentiram mais seguras para competir apenas após o início dos treinos femininos. Essa diferença revela como a presença de um ambiente exclusivamente feminino pode atuar como catalisador de confiança e inserção em práticas esportivas mais formais, como os campeonatos. Ainda assim, é relevante notar que 15% das entrevistadas afirmaram não se sentir à vontade para competir, e 8% relataram que, embora tivessem vontade, não tinham coragem. Esses dados reforçam que, apesar dos avanços, persistem barreiras subjetivas e estruturais que dificultam a presença plena de mulheres em competições esportivas.

Essa proporção chama atenção, pois revela que a competição pode ser um território parcialmente inacessível para muitas mulheres, mesmo entre aquelas que já treinam regularmente. Na pesquisa de Da Silva et al. (2025) fica evidente a necessidade das mulheres de provar domínio nesses espaços assim, o reconhecimento pelas próprias competências acaba sendo uma busca constante, e, diante das pressões impostas por um ambiente majoritariamente masculino, a auto cobrança e a automotivação tornam-se mecanismos para enfrentar tais desafios.

Essa pressão extra imposta às mulheres amplia não apenas o desgaste físico e emocional, mas também reforça a noção de que a referência de competência no esporte é determinada pelo desempenho masculino. “A baixa autoconfiança, ligada a preocupações com o corpo e a imagem, contribui para o afastamento ou participação limitada das mulheres em espaços esportivos dominados por homens” (Jaco; Altmann, 2017, Apud Da Silva et al., 2025, p. 156).

Além disso, a maioria das atletas da pesquisa (69%), tem até 25 anos de idade (Tabela 2), o que pode ajudar a compreender por que muitas ainda se colocam de forma parcial ou insegura em relação ao protagonismo no jogo. Como apontam Oliveira et al. (2006), mulheres mais jovens e com menos tempo de prática (dados na tabela 28) tendem a apresentar atitudes menos afirmativas diante da competição e da autoconfiança esportiva. Isso reforça a ideia de que o protagonismo feminino no futevôlei pode ser também fruto de uma construção identitária ao longo do tempo e das experiências vividas, como discute Servadio (2022). Assim, os dados relacionando tempo de prática à preferência de jogo serão apresentados nas tabelas 11 e 12.

Antes disso, considerando esse processo de formação e fortalecimento da identidade esportiva feminina, é fundamental analisar as diferenças e similaridades entre os ambientes de treino e jogo, especialmente entre os espaços exclusivamente para mulheres e os mistos. O próximo capítulo se dedica a explorar essas dinâmicas, buscando compreender como as vivências em cada contexto influenciam o desenvolvimento técnico, psicológico e social das atletas, bem como seu sentido de pertencimento e autonomia no esporte.

4.3 Diferenças e similaridades entre os treinos/jogos de mulheres e mistos

A última parte deste trabalho apresenta reflexões baseadas nas experiências e percepções das atletas ao treinarem e competirem com homens e mulheres.

A tabela 11, traz a categoria e nível em que as atletas competem. Ela aponta um número maior de meninas nas categorias feminino, em 54% (iniciante + intermediário) do que na categoria misto (15%). Mostrando assim, uma preferência pela categoria feminino (iniciante/intermediário) em relação ao misto quando as atletas evoluem e se sentem prontas para competir. Ou seja, à medida que as atletas avançam tecnicamente, muitas permanecem no feminino iniciante ou optam pelo feminino intermediário em vez de migrar para o misto. Esse dado sugere que, entre atletas mais experientes, o ambiente de mulheres continua sendo percebido como o espaço mais adequado para o desenvolvimento e o desempenho esportivo, possivelmente devido a diferenças técnicas, táticas ou dinâmicas de jogo entre as categorias.

Tabela 11- Categoria de competição das atletas participantes

Categoria	Quantidade de Atletas	Porcentagem (%)
Não informado / Outras	12	31%
Feminino Intermediário	11	28%
Feminino Iniciante	10	26%
Misto Iniciante	6	15%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Dessa forma, é fundamental considerar o tempo de prática das atletas no futevôlei, suas preferências de jogo e as percepções sobre aspectos táticos. As Tabelas 12 e 13 permitem analisar as preferências das atletas em relação ao formato de jogo no futevôlei, considerando o tempo de prática e a categoria de competição.

Observa-se, na Tabela 12, que a preferência por jogar somente com mulheres ou em duplas mistas é bastante equilibrada, com 16 atletas para cada uma dessas opções, enquanto a preferência por jogar só com homens é menor, com 4 atletas. Quando analisamos o tempo de prática, percebe-se que atletas com até 1 ano ou entre 1 a 2 anos de experiência tendem a preferir os jogos mistos, possivelmente por maior facilidade de acesso e adaptação, especialmente para as iniciantes. Já as atletas com mais tempo de prática, especialmente as que estão há 4 anos ou mais no esporte, mostram uma preferência maior por jogos de mulheres ou mistos, indicando que a experiência (e evolução) pode favorecer a busca por espaços de protagonismo feminino. Assim, seria interessante que pesquisas futuras investiguem os porquês dessa discussão apresentada.

Tabela 12- Tempo de Prática e Preferência de Jogo

Tempo de prática	Quantidade total de atletas	Prefere jogar só com mulheres	Prefere jogar só com homens	Prefere jogar em duplas mistas	Não respondeu
De 2 a 3 anos	4	2	0	1	1
Até 1 ano	5	1	1	3	0
De 3 a 4 anos	5	2	2	1	0
4 anos ou mais	9	4	1	3	1
De 1 a 2 anos	16	7	0	8	1
Total geral	39	16	4	16	3

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Na Tabela 13, ao relacionar a categoria de competição com a preferência de jogo, a totalidade das atletas iniciantes na categoria mista prefere jogar em duplas mistas, o que reforça a ideia de que o misto é o ambiente inicial mais comum. Já nas categorias femininas, tanto intermediária quanto iniciante, a preferência se divide entre jogar só com mulheres e em duplas mistas, com uma leve tendência a optar por jogos

exclusivamente de mulheres, em concordância com a discussão iniciada na tabela anterior.

Tabela 13- Relação entre Categoria de Competição e Preferência de Jogo

Categoria de Competição	Nº de Atletas	Preferência: Só com Mulheres	Preferência: Só com Homens	Preferência: Misto
Misto Iniciante	6	0	0	6
Feminino Intermediário	9	4	2	3
Feminino Iniciante	10	5	2	3
Total	25	9	4	12

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Em jogos mistos de futevôlei, é possível observar uma distribuição desigual das ações em quadra entre homens e mulheres, o que impacta diretamente na dinâmica do jogo. Com frequência, os homens assumem zonas maiores da quadra e tomam para si bolas que poderiam ser jogadas pelas parceiras, especialmente em situações consideradas mais simples ou previsíveis, como as chamadas “bolas de graça”. Tal padrão tático reflete assimetrias de gênero comuns em práticas esportivas mistas, em que as mulheres são posicionadas como figurantes e auxiliares no jogo (Da silva et.al, 2025). Essas dinâmicas se relacionam à construção social das habilidades atribuídas aos gêneros, como maior força, agilidade ou tomada de decisão nos homens, e maior passividade ou limitação técnica nas mulheres. Como discutido por Damo (2005), mesmo tratando de uma pesquisa na área profissional com o futebol, destaca que o esporte não apenas reflete, mas também pode reproduzir padrões hierárquicos de gênero, historicamente datados e legitimados, o que pode ser observado na maneira como as funções em quadra são atribuídas ou assumidas Jaco, Uchoga e Altmann (2017). Assim, mesmo em modalidades que exigem cooperação como o futevôlei, o protagonismo tende a ser capturado por figuras masculinas, restando às mulheres papéis mais restritos no desenvolvimento das jogadas.

Nesse sentido, as atletas responderam sobre o desempenho delas ao jogar ou competir em duplas mistas comparando com duplas entre mulheres, como mostra na tabela abaixo.

Tabela 14– Percepção desempenho ao jogar ou competir em duplas mistas e femininas

Afirmação	Quantidade de atletas	Porcentagem (%)
Sinto que realizo mais levantadas do que ataques, quando jogo no misto	26	67%
Sinto que defendo a menor proporção da quadra no misto	9	23%
Sinto que ataco, defendo e levanto bolas na mesma proporção no feminino e no misto	4	10%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Os dados apresentados revelam que, em jogos e competições mistas, a maioria das atletas (67%) sente que realiza mais levantadas do que ataques, enquanto 23% afirmam defender uma área menor da quadra. Apenas 10% percebem uma divisão equilibrada das funções técnicas entre os gêneros nesses jogos. Esses números refletem uma lógica ainda presente no futevôlei, em que o papel das mulheres tende a ser restrito a funções consideradas de apoio, como a levantada, limitando seu protagonismo ofensivo.

Essa percepção dialoga com o depoimento da atleta profissional de futevôlei Lana Cristina Diniz Miranda, registrado no Projeto Garimpando Memórias, do Centro de Memória do Esporte da UFRGS, sobre o início no Futevôlei: “antigamente a gente jogava misto, a mulher era quase uma coadjuvante (...). O jogo era mais para o homem e a mulher ficava ‘levantando’” (Miranda, 2016, p. 6).

Miranda acrescenta ainda que, ao participarem de categorias exclusivamente femininas, as mulheres passaram a ocupar todas as funções da quadra, o que possibilitou um avanço técnico perceptível entre as atletas.

Relatos como esses, também aparecem na pesquisa de Da Silva et al. (2025), que trata do contexto misto no basquete, em que aparece um padrão de exclusão das mulheres em turmas mistas se revela por meio da restrição de sua participação e da marginalização nos espaços de jogo: “são frequentemente relegadas a posições secundárias do jogo. Destacaram ainda que, mesmo quando recebem a bola, raramente têm a chance de avançar ou realizar jogadas importantes” (Da Silva et al. 2025, p. 165).

Ademais, durante as observações feitas durante a esta pesquisa sobre o ambiente do futevôlei, em treinos e jogos mistos, foi possível perceber que os homens

centralizam as ações ofensivas, especialmente nas jogadas próximas à rede. Essa distribuição tática é frequentemente justificada com argumentos de ordem biológica, como maior força e impulsão masculina. No entanto, essa naturalização de papéis por sexo pode ser lida como uma racionalização “biologizante”, que reforça estereótipos de gênero tais como: homem = potência; mulher = controle.

Wendy Pimentel (2024), ao analisar o futsal universitário feminino, aponta que a estrutura dos esportes coletivos ainda está marcada por lógicas masculinas de organização, desempenho e hierarquia. Para a autora, as mulheres são frequentemente associadas à fragilidade e à inferioridade física, o que leva à sua subutilização tática em jogos mistos ou à desvalorização técnica mesmo quando desempenham as mesmas funções. Pimentel reforça que essas desigualdades não são naturais, mas construídas social e historicamente, sendo reproduzidas nos discursos e nas práticas cotidianas do esporte.

Portanto, os dados discutidos até aqui, sugerem que, à medida que as atletas se consolidam no futevôlei, passam a valorizar mais o jogo entre mulheres como espaço legítimo de afirmação técnica, emocional e identitária. Isso representa não apenas uma escolha tática, mas também uma resistência simbólica às estruturas que historicamente centralizam o homem como protagonista do esporte. A partir dessa compreensão, torna-se fundamental aprofundar a análise das especificidades do futevôlei de mulheres, buscando dar voz às próprias atletas para revelar como percebem, constroem e vivenciam esse espaço singular dentro do esporte. Assim, o próximo tópico se dedica a explorar as percepções das atletas sobre o futevôlei de mulheres, suas particularidades e desafios, para compreender melhor o significado dessa modalidade em sua experiência esportiva.

4.3.1 Especificidades do futevôlei de mulheres: O Que Pensam as Atletas?

As percepções das atletas sobre os treinos exclusivamente de mulheres revelam contribuições significativas para o seu desenvolvimento técnico e tático no futevôlei. As tabelas a seguir abordam diferentes dimensões dessa experiência, como o controle de passe e levantada, estratégias adotadas diante de diferentes formações adversárias, e o papel que o padrão de altura da rede desempenha na dinâmica do jogo. Ao incluir no questionário perguntas sobre as possíveis diferenças no jogo de

mulheres (sejam elas percebidas ou não) busca-se compreender como essas atletas vivenciam e interpretam essas especificidades, o que pode subsidiar uma abordagem pedagógica mais sensível e eficaz para as categorias femininas.

Tabela 15– Percepções sobre diferenças táticas entre os treinos mistos e de mulheres

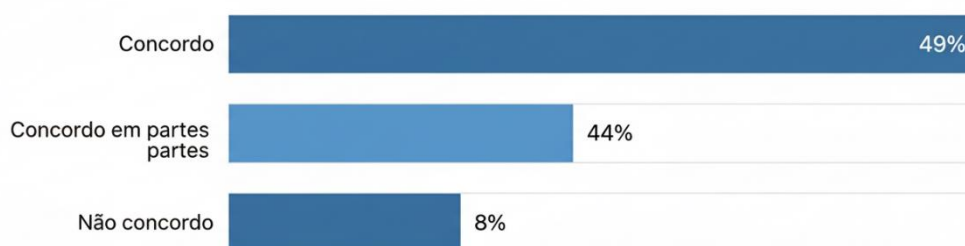
Afirmação	Quantidade	Porcentagem (%)
As meninas correm e se deslocam menos na quadra no treino misto	23	59%
Não concordo com nenhuma das afirmações	8	21%
A execução dos fundamentos (força, velocidade e altura) e movimentação são os mesmos	5	13%
Fundamentos não precisam de tanto controle (força, velocidade e altura) no feminino	1	3%
Não faço treino feminino, então não tenho certeza da resposta	1	3%
Total	39	100%

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

A Tabela 15 mostra que a maioria das atletas (59%) concorda que, no treino misto, as mulheres tendem a correr e se deslocar menos em quadra, o que pode indicar uma dinâmica diferenciada quando jogam com homens. Por outro lado, 21% não concordam com nenhuma das afirmações apresentadas, enquanto apenas uma minoria vê a execução dos fundamentos e a movimentação como equivalentes entre os treinos mistos e de mulheres.

Complementarmente, a figura a seguir traz o olhar específico sobre o controle de passe e levantada no jogo de mulheres em comparação com misto, mas sob o olhar do panorama de gênero, onde é possível observar desigualdades de envolvimento na prática entre homens e mulheres (Jaco, Uchoga e Altmann, 2017). Somando, quase 93% das atletas concordam, totalmente ou em parte, com a importância desse aspecto técnico nesse contexto. Esse dado sugere que o treino de mulheres não apenas difere na ocupação da quadra e toques na bola, mas também pode apresentar um foco particular no aprimoramento técnico, possivelmente refletindo adaptações pedagógicas que consideram as características e necessidades das jogadoras.

Figura 14- controle de passe e levantada no treino de mulheres é diferente

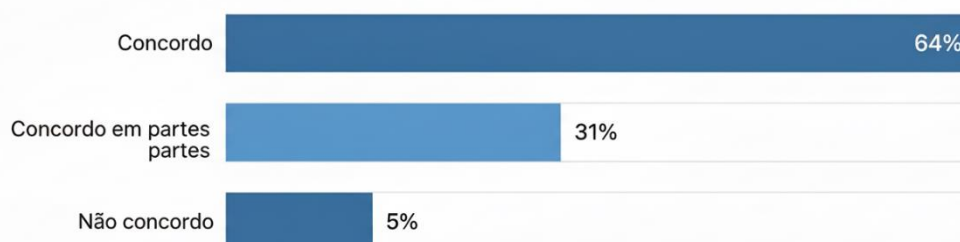


Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

O número expressivo de (93%) sugere que há uma percepção consolidada entre as jogadoras de que as execuções técnicas no jogo de mulheres não podem simplesmente replicar os padrões do jogo masculino.

Quanto ao posicionamento em quadra, os dados a seguir indicam que a maioria das atletas participantes da pesquisa (95%) percebe, em alguma medida, diferenças nas estratégias e posicionamentos adotados ao defender duplas masculinas e femininas. Dentre elas, 64% concordam plenamente com essa ideia, enquanto 31% afirmam concordar em partes.

Figura 15- Tem diferenças nas estratégias e posicionamentos ao defender duplas masculinas e femininas



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

Esses números podem sugerir que, para muitas atletas, a maneira como se organizam defensivamente em quadra varia de acordo com o gênero da dupla adversária. Essa percepção pode estar relacionada a fatores como diferenças no ritmo do jogo, nas trajetórias da bola, na força dos ataques ou nas escolhas táticas mais

recorrentes entre homens e mulheres. Ainda que essas distinções não sejam absolutas, elas podem influenciar a forma como as atletas se posicionam, se preparam e ajustam suas estratégias defensivas.

A partir disso, é possível levantar a hipótese de que o jogo praticado contra duplas femininas pode exigir um tipo de atenção tática diferente daquele demandado contra duplas masculinas (algo que poderia ser explorado mais profundamente em práticas de ensino e treinamento técnico). Nesse sentido, considerar esses detalhes pode contribuir para o desenvolvimento mais eficiente das atletas, respeitando e potencializando as especificidades de cada contexto competitivo.

Nesse sentido, as percepções das próprias atletas sobre os elementos que contribuíram para sua evolução dentro dos treinos de mulheres ajudam a ilustrar, de maneira concreta, como ajustes e especificidades metodológicas podem influenciar positivamente o desenvolvimento técnico e a autoconfiança esportiva das mulheres no futevôlei.

Tabela 16-Aspectos dos treinos de mulheres que contribuíram para a evolução das atletas

Afirmação	Quantidade	Porcentagem (%)
Melhoras técnicas e táticas (fundamentos, movimentação e maior noção de defesa)	27	69%
O treino (estrutura da aula) passou a trabalhar especificidades do jogo de mulheres	5	13%
Não vejo diferença dos treinos mistos	5	13%
Não treino só com mulheres	1	3%
Não informado/Outras	1	3%
Total	39	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (2025).

A Tabela acima aponta que, para a maioria das participantes (69%), os treinos realizados exclusivamente com mulheres contribuíram significativamente para sua evolução técnica e tática, com destaque para o aprimoramento de fundamentos, movimentação e noção de defesa. Esses dados podem sugerir que, quando estruturados de maneira sensível às características e demandas específicas das atletas, os treinos de mulheres têm potencial para desafiar e fortalecer o desenvolvimento individual e coletivo das jogadoras. Além disso, 13% das participantes destacaram que a estrutura da aula passou a considerar mais as

especificidades do jogo de mulheres, o que pode indicar uma maior atenção ao modo como as mulheres jogam e aprendem, indo além da simples reprodução do modelo tradicional masculino.

Nesse sentido, Da Silva et al. (2025) ressalta que, quando aprendem juntas, as mulheres tendem a criar redes de apoio e a compartilhar estratégias de forma colaborativa, o que potencializa o processo de aprendizagem e fortalece vínculos, promovendo confiança, colaboração e empoderamento, favorecendo um ambiente mais inclusivo e participativo. Isso reforça a ideia de que o futevôlei de mulheres pode (e talvez deva) ser pensado a partir de outras lógicas técnicas e pedagógicas, adaptadas às experiências e trajetórias dessas atletas.

5. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo compreender as percepções de atletas sobre suas experiências nos treinos e jogos de futevôlei, tanto em contextos exclusivamente de mulheres quanto em duplas mistas, buscando identificar como as dinâmicas de gênero atravessam essas vivências esportivas. A partir da análise dos dados coletados com 39 atletas, foi possível construir uma leitura crítica sobre como se dá o protagonismo das mulheres na modalidade, especialmente quando elas têm a oportunidade de ocupar o centro do jogo, o que envolve o treino exclusivamente de mulheres.

Assim, o futevôlei de mulheres deve ser ensinado e estruturado a partir de uma perspectiva que reconheça e valorize as particularidades das mulheres, sem tentar espelhar diretamente o modelo masculino. Isso implica considerar não apenas as diferenças fisiológicas e biológicas, mas também as dimensões sociais e culturais que influenciam a prática esportiva de mulheres, tais como as expectativas de gênero, os papéis sociais atribuídos às mulheres e as formas como elas constroem sua identidade enquanto atletas. Ademais, a proposta é criar um ambiente de treino que potencialize a evolução técnica e tática das mulheres respeitando suas capacidades e contextos específicos, promovendo um futevôlei que dialogue com a experiência real das atletas.

As percepções das atletas sugerem que espaços voltados unicamente para mulheres são vistos como mais seguros e benéficos para o crescimento tanto

esportivo quanto pessoal. Em contrapartida, ambientes mistos podem trazer desafios extras, sendo necessário ajustar-se às expectativas que predominam nos esportes praticados em conjunto com homens. O treino e o jogo entre mulheres foram reconhecidos como espaços de maior liberdade, participação ativa e segurança para errar, experimentar e evoluir.

As análises também mostraram que o tempo de prática e a experiência acumulada no futevôlei parecem influenciar diretamente as preferências das atletas e a forma como elas se posicionam em quadra. Atletas mais experientes ou que já competem em categorias exclusivamente femininas tendem a valorizar mais o jogo com outras mulheres, não apenas por uma questão de estilo, mas como forma de resistência simbólica a estruturas esportivas que historicamente centralizam o homem como protagonista. Como discutem Servadio (2022) e Pimentel (2024), o desenvolvimento da confiança, da autonomia e da identidade esportiva das mulheres está profundamente relacionado às oportunidades que elas têm de ocupar lugares centrais (e não apenas de adaptação) dentro do jogo.

Além disso, a pesquisa apontou que ajustes técnicos, como a configuração de treinos mais adequados às especificidades do grupo, podem contribuir diretamente para a performance e a valorização do futevôlei de mulheres. Esses achados reforçam que pensar o esporte de maneira equitativa não significa apenas abrir espaço para a participação feminina, mas também repensar normas e práticas para que essa participação seja plena, significativa e protagonista.

Reconhece-se, contudo, que esta pesquisa tem suas limitações: trata-se de um recorte específico, com número reduzido de participantes e foco em uma realidade local. Ainda assim, ela contribui para o debate sobre gênero e esporte ao dar visibilidade às vozes das próprias atletas e às estratégias que elas constroem para disputar seu lugar dentro e fora da quadra.

Entre as limitações desta pesquisa, destaca-se o número reduzido de participantes, o que pode restringir a representatividade dos dados. Além disso, o contexto cultural e regional específico das atletas envolvidas pode ter influenciado os resultados, limitando a generalização dos achados para outras realidades. Para investigações futuras, recomenda-se ampliar a amostra e contemplar perfis mais diversos de atletas, o que possibilitaria uma compreensão mais abrangente e aprofundada das experiências das mulheres no contexto do futevôlei. Também se sugere o desenvolvimento de novos questionamentos com base nos dados já

coletados, de modo a aprofundar temas emergentes e potencializar o alcance da pesquisa.

Por fim, os dados e reflexões aqui apresentados mostram que o futevôlei de mulheres não é uma mera variação do modelo misto ou masculino. É uma prática com lógicas próprias, com potência técnica e com significados que extrapolam a quadra. Ao escutar as atletas e valorizar suas experiências, este trabalho reforça a importância de construir espaços esportivos mais justos, diversos e abertos à pluralidade de corpos, estilos e trajetórias.

6. Referências

A Iniciação Ao Futsal De Mulheres Adultas: Construindo Coletivamente Um Espaço Seguro Para a Aprendizagem. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 27, p. e16595, 2023. DOI: [10.51283/rc.27.e16595](https://doi.org/10.51283/rc.27.e16595). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/16595> Acesso em: 12 ago. 2025.

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. In: PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). Esporte e sociedade: temas polêmicos. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 429–451.

AZEVEDO, Wellygton Winicius de. **A percepção do torcedor em relação ao futebol feminino e masculino**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BEZERRA, Alana Simões; BARREIRO, Francisnadjá Moreira; QUEIROZ, Fabian. A prática do futsal feminino nas escolas públicas da cidade de Diamante-PB. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 14, n. 60, p. 541-546, 2022.

CARDOSO, Fernando Luiz; MEDEIROS, Thiago Emmanuel; SILVA, Walan Robert da; FERRARI, Elisa Pinheiro; MELO, Gislane Ferreira de. A vivência de práticas físicas/motoras/esportivas de homens e mulheres para propor o construto orientação

esportiva. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 395–404, 2020. DOI: 10.11606/1807-5509202000030395.

DA SILVA, Ivana Vitória Santos et al. Basquete feminino na universidade: acolhimento, segurança e a importância de jogar juntas. **Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 9, n. 2, p. 155-170, 2025.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005.

DA ROSA, Thainá Ribeiro; ALVAREZ, Bárbara Regina. Perfil dos praticantes de beach tennis no município de Criciúma. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 17, p. e192101724173-e192101724173, 2021.

DE SOUZA OLIVEIRA, Sérgio Ricardo et al. Futebol feminino de competição: uma análise das tendências do comportamento das mulheres/atletas em competir, vencer e estabelecer metas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 3, p. 209-218, 2006.

FERREIRA, Thalles Costa et al. **O ensino do futevôlei na educação física escolar**: criação de uma cartilha para professores. 2023.

Fundação De Desporto e Lazer De Mato Grosso Do Sul (Fundesporte). Pedagogia do esporte e iniciação aos esportes de areia: beach tennis e futevôlei. Campo Grande: **Fundesporte**, 2023. Disponível em: <https://www.fundesporte.ms.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Curso-de-capacitacao-Fundesporte-Esportes-de-Areia.pdf>
Acesso em: 04 abr .2025

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 19, p. 45-52, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 173-196, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **O corpo em movimento: a mulher e o esporte no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 13–38.

GOELLNER, S. V. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v8i1.106. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/106> Acesso em: 01 ago. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Sombras e visibilidades: as mulheres no esporte brasileiro**. In: MELO, Victor Andrade de; CASTELLANI FILHO, Lino (Org.). Esporte e sociedade: reflexões sobre o fenômeno esportivo contemporâneo. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 287-315.

HOLANDA, Suyllane Fernanda Mota de. **As representações do futsal para mulheres atletas universitárias**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Esporte, Curso de Educação Física, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

JACO, J. F.; UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Relações de Gênero em Jogos de Queimada: Diferenças de Oportunidades e Aprendizagens. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2017.

Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/5491> Acesso em: 22 ago. 2025.

JAEGER, Angelita Alice et al. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 245-267, 2010.

JORAS, Pamela; JAEGER, Angelita Alice. Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10.2013

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN:

<https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>

Máquina Do Esporte. Pesquisa Ibope Repucom aponta futevôlei com 50 milhões de fãs no Brasil. Disponível em: Máquina do Esporte. 21 dez. 2022. Acesso em: 02.mar.2025.

Marques, Diana Et Al. Heteronormatividade No Voleibol: Um Estudo Exploratório Sobre A Altura Da Rede E Capacidade De Concretização Em Atletas Dos Escalões Jovens Femininos. **Revista da UIIPS**, v. 2, n. 2, 2014.

MARTINS, Mariana Zuaneti; FURTADO, Samara Ventureli; GOMES, Edinalva Brito. Negociar feminilidades e pertencimentos por meio do futebol: fluxos, fronteiras e na prática esportiva comunitária de mulheres. **INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 21, p. 1-22, 2024.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As Mulheres e o País do Futebol: Intersecções De Gênero, Classe e Raça No Brasil. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e27006, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109328. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109328> Acesso em: 01 ago. 2025.

MESSNER, Michael A. **Taking the field: Women, men, and sports**. U of Minnesota Press, 2002.

MIRANDA, Lana Cristina Diniz. Depoimento. Entrevistadoras: Silvana Vilodre Goellner; Pamela Siqueira Joras. Brasília, 8 abr. 2016. Entrevista nº E-681. Projeto Garimpando Memórias. **Centro de Memória do Esporte** – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEME–ESEF–UFRGS). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/240449/001143269.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2025.

OLIVEIRA-MELO, Felipe Guilherme; APOLONIO, Felipe Natanael Silva. Diretrizes para gestão da qualidade em arenas de beach tennis. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 123–162, 2025. DOI: 10.5585/2025.27131. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/podium/article/view/27131>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PIMENTEL, Wendy Mirna Alves. “**Joga a bola no meu pé**”: percepções de atleta universitárias sobre as questões de gênero no futsal feminino. 2024.

PONTA GROSSA (Município). Secretaria Municipal de Educação. Relatos de Experiências 2023 – Congresso. Ponta Grossa: SME, 2023. Disponível em: <https://sme.pontagrossa.pr.gov.br/wp-content/uploads/2023/11/Relatos-de-Experiencia-2023-Congresso.pdf>.

RETT, João Pedro Salviato; CLARO, Renan Floret Turini. Futevôlei: uma proposta para iniciação esportiva. **Revistas Publicadas FIJ**, 2022.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. DE ESPECTADORAS A PROTAGONISTAS - A CONQUISTA DO ESPAÇO ESPORTIVO PELAS MULHERES. **Movimento**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 50–56, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2484. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484> Acesso em: 18 ago. 2025.

SERVADIO, Nathália Cristina. **Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres: estudo de caso do Projeto Futebol Feminino Campinas (FFC)**. (S.l.), (2021). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – (Universidade Estadual de Campinas), 2021.

SILVA, Bruna Saurin; SOUZA, Ana Cláudia Ferreira De; MARTINS, Mariana Zuaneti. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de educação esportiva no âmbito da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, p. e2023, 2020.

SOUSA, Marlus Alexandre. **A iniciação esportiva em um clube brasileiro:** um diagnóstico da prática pedagógica a partir das experiências acumuladas de seus agentes pedagógicos. 2025.

WESTIN, Ricardo. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização.

Senado Notícias, 4 ago. 2023. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao> Acesso em: 14 ago. 2025.